Kariny Grativol

Viajante incansável

Trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação

2011

Kariny Grativol

Viajante incansável

Trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da Escola
de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo.*

*Área de concentração: Teoria e
Pesquisa em Comunicação*

*Linha de Pesquisa: Linguagens e
Estéticas da Comunicação*

Orientador: Prof. Dr. Boris Kossoy

São Paulo

2011

Theodor Preising com uma de suas câmeras no Guarujá, litoral de São Paulo.

Folha de aprovação

Kariny Grativol

Viajante incansável: trajetória e obra fotográfica de Theodor Preisling

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação

Linha de pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Ao meu orientador, Boris Kossoy pela eterna paciência e dedicação.

À Lucia e Douglas Aptekmann, pelo acesso irrestrito ao acervo, por todas as informações fornecidas, pelo apoio e pela amizade.

À equipe da revista Criativa, pelo apoio durante todo o processo em especial à Katia Del Bianco, Amarílis Lage, Luiz Zeidan e Francesca Sperb.

Às amigas, Bruna Ferreira, Juliana Costa, Jeniffer Souza, Cristina Meira e Marcela Farrás por me ouvirem sempre e dividirem comigo às angústias e os tropeços de todo esse processo.

À minha família: irmã, avô, avó e, especialmente, mãe por suportarem todas as crises e terem sempre uma palavra de incentivo e apoio. Sem vocês, eu não teria chegado até aqui.

Dedicatória

Dedico esse trabalho à minha afilhada e sobrinha, Isabela, que, ao contrário de todos, sempre tentou me desviar dos textos para iluminar meus dias com o seu carinho e sua alegria. Que boizinhos e carroças enriqueçam as suas fantasias por muitos anos.

Resumo

GRATIVOL, K. **Viajante incansável**: trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Esta dissertação trata da trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising no Brasil. O fotógrafo percorreu área considerável do território nacional tomando vistas para a produção de cartões-postais e registrando viagens de sócios do Touring Clube do Brasil. Trabalhou ainda para a revista S.Paulo, e integrou os quadros funcionais do Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo, contribuindo com a elaboração de uma imagem do país nas publicações oficiais direcionadas para leitura no Brasil e no exterior. Entre essas publicações estavam: o jornal *Brasil Novo*, a revista *Travel in Brazil*, as reportagens da Agência Nacional e dois folhetos turísticos. Trata-se de um estudo que busca demonstrar a versatilidade de Preising e a extensão de sua obra. A análise do trabalho de Preising, entre 1923 e 1948, permite observarmos a transformação de sua linguagem, que se sobrepõe e exemplifica a metamorfose da sociedade.

Palavras-chave: história da fotografia no Brasil, fotografia, técnica fotográfica, cartão-postal, documentação fotográfica

Abstract

GRATIVOL, K. **Tireless traveller:** Theodor Preising's trajectory and photographic work. Dissertation (Master of Communication) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This dissertation discusses Theodor Preising's trajectory and photographic work at Brasil. The photographer has covered considerable area of national territory taking views to postcards and registering trips of Touring Clube do Brasil affiliations. He has still worked to S.Paulo magazine, and joined the staffs of Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo, contributing to the development of the country's image in the official publications in Brazil and overseas. Between these publications was: the *Brasil Novo newspaper*, the *Travel in Brazil magazine*, reports of the Agência Nacional and two touristic papers. This work proposes to demonstrate Preising's versatility and the extent of his work. By analyzing Preising's work, since 1923 to 1948, we can understand the transformation of his technique, which exemplifies the metamorphosis of the society.

Key words: history of photography in Brazil, photography, photography technique, postcard, photographic documentation

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1 Theodor Preising e a fotografia em São Paulo	16
1.1 A fotografia e a cidade de São Paulo.....	17
1.2 Notas para uma biografia	27
Capítulo 2 Trajetória profissional.....	33
2.1 Vocação para o turismo.....	34
2.2 Fotografia e ideologia na propaganda do Estado	50
2.2.1 A experiência da Revista S. Paulo	50
2.2.2 A carreira no funcionalismo público.....	59
2.2.3 Imagens do Brasil na Feira Mundial de Nova York	65
2.3 A obra de Preising aplicada às publicações	70
Capítulo 3 Obras comentadas.....	76
3.1 A modernização da linguagem.....	77
Considerações finais	91
Referências	94
Anexo I - Documentos relevantes.....	102
Anexo II – O acervo	120
Anexo III – O repórter fotográfico	127
Anexo IV – Reproduções dos trabalhos de Theodor Preising	133
Anexo V – Cronologia	157

*“Em um primeiro tempo, a Fotografia,
para surpreender, fotografa o notável; mas
logo, por uma inversão conhecida, ela
decreta notável aquilo que ela fotografa.”*

Roland Barthes

Introdução

O fotógrafo alemão Theodor Preising chegou ao Brasil em 1923, instalando-se provisoriamente no Guarujá. Sua carreira, no Brasil, durou cerca de 25 anos. Dedicou-se nos primeiros tempos à venda de material fotográfico estabelecendo-se depois como autônomo e, ainda exercendo função no serviço público.

Apesar de sua vasta produção, a obra de Preising ainda não foi devidamente estudada; trata-se de tema praticamente inexistente na historiografia da história da fotografia no Brasil. Seu nome foi lembrado por Boris Kossoy em vários trabalhos ¹. Em suas obras, o autor aponta para a importância do fotógrafo e para a necessidade de estudos mais aprofundados sobre seu trabalho. As fotografias de Theodor Preising também aparecem em alguns estudos pontuais como o de Paulo César Boni² e de Marina Castilho Takami. De toda a obra produzida por Preising, provavelmente o período mais conhecido é o que participou da redação da revista *S. Paulo*³. Preising também é citado nas autobiografias de Benedito Junqueira Duarte⁴, Cassiano Ricardo⁵ e Ernani Silva Bruno⁶.

¹ Do autor ver: Fotografia. In: ZANINI, Walter. (org.). *História geral da arte no Brasil vol. 2*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. p. 867- 913; Luzes e sombras da metrópole: um século de fotografias em São Paulo (1850-1950) In PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*, v. 2: a cidade no Império. São Paulo: Paz e Terra, 2004; *Os tempos da fotografia: o efêmero e perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

² BONI, Paulo César. *Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens*. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

³ Sobre o tema ver: TAKAMI, Marina Castilho. *Fotografia em marcha: revista São Paulo – 1936*. Dissertação de mestrado – Programa Interunidades em estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2008.

⁴ DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória*. São Paulo: Massao Ohno – Roswith Kempf Editores, 1982.

⁵ RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

⁶ BRUNO, Ernani Silva. *Almanaque de Memórias: reminiscências, depoimentos, reflexões*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

Devido à escassez de informações sobre sua trajetória profissional, este trabalho tem o objetivo de elaborar um levantamento aprofundado da obra de Theodor Preising, estabelecendo os locais em que fotografou, as finalidades de produção de suas imagens, seus contratantes, e os veículos em que foram divulgadas. A recuperação sistemática dessa iconografia propicia informações vitais para a compreensão do conjunto de sua obra. Longe de ser definitivo, este estudo se apresenta como um ponto de partida para o conhecimento de uma história extremamente rica.

O mais importante acervo da obra de Preising encontra-se sob a guarda dos descendentes, Douglas e Lucia Aptekmann. Tomamos contato com este valiosa coleção de cerca de 15 mil fotografias que documentam área considerável do território brasileiro. Além deste, existem fotografias de Preising no acervo de diversas instituições: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Museu do Café (Santos, SP), nos arquivos públicos das cidades de Cambé (PR), Londrina (PR), Ribeirão Preto (SP); na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, entre outros⁷.

Em três ocasiões tive oportunidade de entrevistar Carlos Preising, filho do fotógrafo, que apesar da idade avançada, trouxe informações sobre a vida e a atividade profissional do pai, dados esses que serão oportunamente apresentados. Entrevistei também Douglas Aptekmann, bisneto de Preising que relatou suas conversas com o avô. A família também possui em seu arquivo, carteiras profissionais de Preising, que foram decisivas para reconstruir a trajetória profissional do fotógrafo. Como técnica de pesquisa empregou-se também a ferramenta Google Livros, que apontou

⁷É bastante comum encontrar cartões postais de sua autoria à venda em portais como *e-bay* ou pertencentes a lotes de casas de leilão.

diversos caminhos a serem seguidos para a identificação e consulta a documentos importantes para esta pesquisa.

Como método para o levantamento da obra e decifração das imagens em suas finalidades, usos e aparências, adotamos a análise iconográfica e interpretação iconológica propostas por Boris Kossoy⁸.

O primeiro capítulo refere-se ao desenvolvimento da atividade fotográfica em São Paulo considerando as conexões com a obra de Preising. Ainda neste capítulo, procurou-se alinhar o percurso pessoal e profissional desde sua partida de Berlim, em 1923, até seus últimos anos de vida.

No segundo capítulo, será detalhada a sua carreira como fotógrafo, para que se tenha a dimensão da abrangência de sua obra. Sua preferência pelas imagens turísticas se faz notar sistematicamente a par de suas outras atividades profissionais. Preising foi um viajante incansável: percorreu grande parte do país documentando vistas de cidades (incluindo tomadas aéreas e noturnas), cenas e personagens do campo, arquitetura legando consistente documentação visual útil para pesquisas em diferentes campos. É importante levar em conta que anos após a chegada de Preising, o Brasil viveu um longo período sob a ditadura de Getúlio Vargas. A partir de 1936, o fotógrafo passa a trabalhar diretamente com alguns dos ideólogos do Estado, participa da revista *S. Paulo*, que tinha claramente uma função propagandista das ações do governo de Armando Salles em São Paulo, e posteriormente passa a integrar a equipe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em São Paulo. Sua obra foi publicada com finalidades didáticas (ilustrações de livros de geografia) e institucionais (fotos de plantio, lavoura, colheita, beneficiamento, e exportação do café), trabalhos realizados

⁸ Sobre tais questões teóricas e metodológicas ver de Boris Kossoy: *Fotografia e História*, 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001; e *Realidade e Ficções na Trama fotográfica*, 3ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

para o Departamento Nacional do Café. Trabalhou para a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde registrou aspectos da lavoura de algodão, laranja e outras culturas. Documentou o imigrante chegando ao Brasil e seu trabalho no campo. Veremos a extensão dessa obra.

No terceiro capítulo, serão analisadas algumas de suas imagens⁹ com vistas a explicitar as diferentes temáticas por ele registradas, demonstrando assim uma rara versatilidade diante de assuntos tão distintos e domínio técnico consistente, que possibilitou a realização de uma obra única na fotografia brasileira de seu tempo. A análise de um conjunto de imagens aqui selecionadas poderá oferecer elementos para se avaliar a importância de sua obra.

Esse trabalho apresenta também cinco anexos: o primeiro traz uma reprodução de documentos pessoais de Theodor Preising que aparecem citados nesse trabalho ou se mostraram fundamentais para a descoberta de novas informações. O segundo trata do acervo sob os cuidados dos descendentes, além de incluir uma tabela que mostra um levantamento preliminar de sua obra contendo locais registrados e formatos utilizados. O terceiro traz a reprodução de um documento localizado no Fundo do Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo disponível para consulta no Arquivo Público do Estado de São Paulo, que trata da criação da carreira de repórter-fotógrafo [sic] dentro do serviço público. No quarto incluiu-se reproduções de uma seleção de obras originais de Theodor Preising, além de reproduções de livros, revistas e outros trabalhos, de modo a tornar acessível a documentação reunida para pesquisadores futuros. No quinto anexo, foi elaborada uma cronologia que nos dá uma visão sintética da carreira de Preising.

⁹ Para a seleção e as análises foram utilizadas reproduções digitais de cerca de 10% do total do acervo sob guarda dos descendentes.

Este estudo dá continuidade ao realizado anteriormente em meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) quando pesquisei as imagens da Agência Nacional, órgão divulgador do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)¹⁰. Esse trabalho se insere no contexto da história da fotografia no Brasil e visa contribuir para a corrente de pesquisadores que estudam a atuação dos fotógrafos estrangeiros no País na primeira metade do século XX¹¹.

¹⁰GRATIVOL, Kariny. *O uso da fotografia pelo DEIP/SP (1943-1944)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2005.

¹¹Dentro desse contexto encontram-se, por exemplo, os trabalhos de: ALARCON, Daniela. *Diário íntimo: a fotografia de Alice Brill*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008; GARCIA, Ângela Célia. *São Paulo em prata: a capital paulista nas fotografias de Aurélio Becherini (anos 1910-1920)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008; GONÇALVES, Paula Chrystina Scarpin. *Vale das rosas; Hildegard Rosenthal, pioneira do fotojornalismo no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2007; GOUVEIA, Sonia Maria Milani. *O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Capítulo 1

Theodor Preising e a
fotografia em São Paulo

1.1 A fotografia e a cidade de São Paulo

São Paulo ainda era uma província sem relevância no cenário nacional quando Hercule Florence fez as experiências que dariam origem a um processo fotográfico¹². Em sua pesquisa com elementos fotossensíveis o jovem francês imprimia diplomas maçônicos e rótulos farmacêuticos.

Apesar do pioneirismo em terras paulistas, até o século XIX, as ilustrações das expedições científicas serão as principais imagens que temos de São Paulo, como descreve Carlos Lemos:

[...] as primeiras paisagens paulistanas foram perpetradas somente no primeiro quartel do século XIX pelos artistas pertencentes às expedições científicas aqui de passagem. Suas aquarelas simplesmente estavam a documentar o burgo pequeno isolado no planalto capitaneando meia dúzia de vilas também inexpressivas [...] ¹³

As primeiras fotografias de São Paulo serão de autoria de Militão Augusto de Azevedo, que irá registrar em detalhes as ruas e paisagens da uma cidade, que começava a se transformar:

Seus trabalhos retratam a metamorfose da lagarta em borboleta. Seu próprio instrumento, a câmera fotográfica, já era indício da modernidade invadindo a cidade e explorando despudoradamente suas intimidades, até então ciosamente

¹²Sobre o assunto ver: KOSSOY, Boris. *Hercules Florence, a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

¹³LE MOS, Carlos A. C. Paisagem arquitetônica. In: *CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA*. São Paulo: 450 anos. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004, p. 335.

guardadas. Essa coleção de fotos é um autêntico tesouro porque Militão se deu conta, com toda clareza, que a cidade existente estava destinada a desaparecer em intervalo curtíssimo, cabendo ao fotógrafo registrar uma memória que se apagava sob o ritmo frenético das ferrovias, dos transatlânticos e dos telégrafos.¹⁴

Empenhado nesse trabalho de documentar as mudanças da cidade, Militão irá realizar o *Álbum comparativo da cidade de S. Paulo 1862 – 1887*, evidenciando assim a velocidade da transformação da pequena vila em centro urbano. Tal trabalho se tornará uma referência na maneira de retratar a cidade.

Na última década do século XIX, ocorre uma explosão documental na fotografia e, como grande expoente desse momento, podemos destacar o suíço Guilherme Gaensly (1843-1928), que é considerado por Boris Kossoy, o principal fotógrafo da paisagem paulistana em seu período de atividade. Sua casa fotográfica em São Paulo permaneceu ativa entre a última década do século XIX e os primeiros anos da década de 1920¹⁵.

Gaensly nasceu na Suíça, mas imigrou para Salvador, na Bahia, aos cinco anos de idade. Sua formação como fotógrafo ocorreu nessa capital, onde abriu, em sociedade com seu cunhado, a casa fotográfica Gaensly & Lindemann. Em 1893, aos 50 anos, Gaensly

¹⁴SEVCENKO, Nicolau. De mameluca, mulata e gótica a moderna, cosmopolita e caótica: as metamorfoses de Piratininga. In: *CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA*. São Paulo: 450 anos. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004, p. 327.

¹⁵Sobre o assunto ver: KOSSOY, Boris. *São Paulo, 1900*. São Paulo: Kosmos; CBPO, 1988; e FERRAZ, Vera Maria de Barros (org.). *Imagens de São Paulo; Gaensly no acervo da Light (1899-1925)*. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001.

mudou-se para São Paulo, e inaugurou uma filial dessa casa na capital paulista com sede na Rua Quinze de Novembro¹⁶.

Logo que chegou à cidade, Gaensly se dedicou à produção sistemática de cartões postais. A cidade registrada por suas lentes era um ambiente em transformação, em que a elite paulistana buscava eliminar os traços coloniais para desenhar uma cidade com características europeias. Esse fenômeno será intensificado na administração de Antonio da Silva Prado, que contou com a colaboração de arquitetos estrangeiros e, principalmente, do escritório Ramos de Azevedo, que, como define Sevcenko, tentavam "... metamorfosear poeticamente São Paulo numa espécie de Londres ou Edimburgo meridionais"¹⁷. É através da intervenção desses profissionais que a província conhecerá a arquitetura eclética, que se transformaria em característica marcante das edificações oficiais e particulares da época.

Gaensly será o principal divulgador dessa nova imagem da cidade e contribuindo ativamente para a formação da identidade paulista como o novo estado líder da nação. Sobre esse papel, esclarece Boris Kossoy:

As imagens de Gaensly foram fartamente utilizadas pelas primeiras publicações ilustradas, oficiais ou não, num contexto promocional, interessadas em divulgar a imagem do Estado de São Paulo no plano internacional. Gaensly, de sua parte, veicularia amplamente sua produção através dos cartões postais [...]. Se, por um lado, enquanto fotógrafo proprietário de um estabelecimento comercial as vistas urbanas e rurais se incluíam em sua atividade profissional constituindo-se no seu meio de

¹⁶Uma das ruas do chamado "triângulo" ao lado da São Bento e da Direita, que formavam as principais vias da cidade nesse momento.

¹⁷SEVCENKO, Nicolau. De mameluca, mulata e gótica a moderna, cosmopolita e caótica: as metamorfoses de Piratininga. In: *CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA*. São Paulo: 450 anos. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004, p.314.

vida, por outro, ele colaborou definitivamente para a construção da imagem oficial da cidade: aquela idealizada pelas elites e pelo Estado, a imagem de uma cidade que se “apresentava” moderna através de estilos “neoclássicos”.¹⁸

A São Paulo retratada por Gaensly é uma cidade com novos edifícios, ruas cheias e uma porcentagem considerável de imigrantes em sua população. É nesse momento, que a capital paulista passa a ter grande destaque no cenário nacional e internacional através da lavoura cafeeira. Assim Boris Fausto define a cidade:

[...] era também o grande centro distribuidor dos produtos importados, o elo entre a produção cafeeira e o porto de Santos, e nela se encontravam a sede dos maiores bancos e os principais empregos burocráticos. [...] A partir de 1886, São Paulo começou a crescer em ritmo acelerado. A grande arrancada se deu entre 1890 e 1900, período em que a população paulistana passou de 64 934 para 239 820 habitantes, registrando uma elevação de 268% em dez anos, a uma taxa geométrica de 14% de crescimento anual.¹⁹

Essas transformações econômicas e sociais trouxeram a necessidade de expansão de setores estruturais, como transportes e energia elétrica. Tal tarefa ficou a cargo da *São Paulo Tramway, Light and Power Company*, que expandiu as linhas de bondes, e levou a energia elétrica e a iluminação pública às novas fronteiras paulistanas.

O estúdio de Gaensly será o responsável pela documentação das realizações da Companhia. Essas fotografias tinham uma finalidade

¹⁸ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 69-70

¹⁹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Edusp, 2000, p. 284 e 286.

bastante específica: fazer parte dos relatórios enviados pela Light aos investidores estrangeiros, sendo utilizadas assim, como prova testemunhal de suas obras em território paulista.

O crescimento de São Paulo e as transformações da cidade, sua expansão, as novas obras viárias e a europeização de sua arquitetura não pararam mais. Esse cenário também será perpetrado por Gaensly através de seus cartões-postais, cujo comércio estava em alta em todo o mundo pela difusão da cartofilia.

No entanto, o fotógrafo não se limitou a registrar a paisagem urbana paulista. Entre os anos de 1902 e 1903, Gaensly prestou serviços à Secretária de Agricultura do Estado de São Paulo fotografando diversas fazendas do Oeste Paulista. Os registros do campo cobrem a lavoura cafeeira, o trabalho do imigrante, o transporte do “ouro verde” pela São Paulo Railway até o Porto de Santos, e o embarque das sacas nos navios.

*

Outro dos pioneiros da fotografia paulista no início do século XX foi o italiano Aurélio Becherini, que é considerado um dos primeiros repórteres fotográficos da cidade²⁰.

Nascido na Itália, na região da Toscana, em 27 de junho de 1879, o fotógrafo chegou ao Brasil por volta de 1900. Becherini

²⁰ Sobre Becherini ver: CARVALHO, Telma Campanha de. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. Tese de doutorado. São Paulo, 2005; GARCIA, Ângela Célia. *São Paulo em prata: a capital paulista nas fotografias de Aurélio Becherini (anos 1910-1920)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008; e BECHERINI, Aurélio. *Aurélio Becherini*. Textos: Rubens Fernandes Junior, Angela C. Garcia, José de Souza Martins. São Paulo; Cosac Naify, 2009.

começou colaborando gratuitamente para os periódicos da cidade, até que seu trabalho passou a ser valorizado e, conseqüentemente, remunerado. Imagens suas podem ser encontradas no *Correio Paulistano*, no *Jornal do Commercio* e nas revistas *Cigarra*, *Vida Doméstica* e *Cri-Cri*.²¹ No entanto, será sua produção veiculada pelo O Estado de S. Paulo, que será o período mais conhecido de sua carreira.

Becherini fotografou o que restava da arquitetura e da mentalidade do Brasil colonial e escravista e o nascimento não só de uma cidade nova, nas novas formas e volumes das ruas e dos edifícios, na transitoriedade de pessoas e poderes por trás de janelas e sacadas.²²

Em 1914, Becherini foi contratado pelo prefeito Washington Luiz para registrar os mesmos locais anteriormente fotografados por Militão, com o objetivo de lançar um novo Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo com imagens de 1862-1887-1914.

Além de seu próprio trabalho como fotógrafo, Becherini reuniu também um rico acervo de negativos com a obra de fotógrafos contemporâneos ou antecessores de sua atividade profissional que haviam passado pela cidade de São Paulo. São mais de mil negativos da cidade que reúnem trabalhos de Militão, Gaensly e Valério Vieira, além do seu próprio. Em 1934, sua coleção foi vendida para o prefeito Fabio Prado e passou aos cuidados do recém-criado Departamento de Cultura, organizado e administrado por Mario de

²¹ GARCIA, Ângela C. O primeiro repórter fotográfico paulistano. In: BECHERINI, Aurélio. *Aurélio Becherini*. Textos: Rubens Fernandes Junior, Angela C. Garcia, José de Souza Martins. São Paulo; Cosac Naify, 2009, p. 31.

²² MARTINS, José de Souza. O nascimento da vida cotidiana paulistana, op. cit., p. 44.

Andrade, cujo setor de iconografia viria a ser assumido por Benedito Junqueira Duarte.

*

Benedito Junqueira Duarte²³ nasceu em 1910, em Franca, São Paulo. Aos 11 anos, ele se mudou para Paris, França, com a finalidade de aprender o ofício com seu tio-avô, José Ferreira Guimarães, “fotógrafo da casa imperial”. Depois de estudar por um período com “tio Gui”, Duarte conseguiu uma vaga como aprendiz no estúdio Reutlinger, onde chegou a chefe de laboratório.

No período em que Duarte esteve em Paris, a França vivia a efervescência criativa do pós-guerra e, trabalhando no estabelecimento de Reutlinger, ele conheceu e conviveu com diretores de teatro e cinema, escritores e atores, adquirindo assim, uma rica formação cultural.

Em 1929, retornou ao Brasil e, aproveitando a experiência adquirida, passou a fotografar personagens e famílias ricas da sociedade paulistana. Em seguida, Duarte foi contratado para trabalhar como repórter-fotográfico do *Diário Nacional*, veículo do Partido Democrático Paulista.²⁴ Durante sua permanência nesse jornal, ocorreu um fato marcante para a sua carreira:

Ele teve a sorte e a sagacidade ao fotografar o corpo estendido do Major José Molinaro, poderoso cacique perrepista (membro do

²³ Sobre Benedito Junqueira Duarte ver: DUARTE, Benedito Junqueira. *B.J. Duarte: caçador de imagens*. Textos: Rubens Fernandes Junior, Michael Robert Alves de Lima, Paulo Valadares. São Paulo: Cosac Naify, 2007; e DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória 3 vol.* São Paulo: MassaoOhno –RoswithKempf Editores, 1982

²⁴ O redator-chefe desse periódico era seu irmão mais velho, Paulo Duarte, o grande incentivador de seus estudos.

Partido Republicano Paulista) no bairro do Bom Retiro, assassinado por motivos políticos. O furo do iniciante rendeu-lhe prestígio entre os colegas fotógrafos e jornalistas.²⁵

Sua atuação na imprensa lhe proporcionou o convívio com diversos fotógrafos que atuavam no cenário paulista, entre eles o experiente Becherini. Duarte permaneceu no *Diário Nacional* até 1933 e, em 1935, assumiu, a convite de Mario de Andrade, a embrionária Seção de Iconografia do Departamento de Cultura, trabalho que, na visão de Duarte, possibilitava "pensar e documentar a questão cultural pela fotografia, a médio e longo prazo."²⁶

Dentro da proposta elaborada pela administração para o Departamento, ficou a cargo de B.J. Duarte o trabalho de organizar, recuperar e catalogar a coleção de Becherini. A partir de cada um dos negativos, o fotógrafo produziu contatos e os arquivou anexados à fichas descritivas que pretendiam recuperar as informações de cada imagem. Em um depoimento à Mônica Junqueira Camargo e Laudemia Aparecida Inaimo em setembro de 1986, Benedito levantou diversas questões a cerca das dificuldades enfrentadas durante o trabalho de catalogação, organização e recuperação do acervo, que permanecem como questões a serem enfrentadas pelos pesquisadores que trabalham com iconografia.

Como auxílio de livros especializados (o São Paulo Antigo, de Antônio Egídio Martins, me foi importantíssima fonte de informações), de velhos almanaques (o editado por Jules Martin, o construtor do primeiro Viaduto do Chá, notadamente) e muitos outros elementos de consulta, consegui analisar

²⁵ VALADARES, Paulo. B.J. Duarte: a trajetória de um caçador de imagens. In: DUARTE, Benedito Junqueira. *B.J. Duarte: caçador de imagens*. Textos: Rubens Fernandes Junior, Michael Robert Alves de Lima, Paulo Valadares. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 195.

²⁶ JUNIOR, Rubens Fernandes. B.J. Duarte: Invenção e modernidade na fotografia documental, op. cit., p.17.

esses aspectos da cidade antiga, determinar sua localização nas áreas urbanas e, em muitos casos, até indiciar a data provável de sua tomada fotográfica [...] Não foi fácil arrancar de tais documentos a sua identidade e esboçar, em cada qual, uma individualidade que só existia em potencial. [...] Para se acerrar da exatidão histórica, é indispensável que outros elementos, supletivos e complementares, envolvam a lembrança do depoente, tais como os acidentes ou incidentes circunstanciais, o comportamento de uma comunidade em determinado momento, os usos e costumes, a moral de uma sociedade em idade bem delimitada e tantos outros predicados que levam a fazer do depoimento uma prova aceitável e crível.²⁷

Nos anos que estive à frente da seção, desenvolveu um trabalho sistemático de documentação das transformações da cidade, do antigo casario, e dos melhoramentos urbanos. "Benedito durante um período, informava-se com antecedência sobre a ocorrência de obras que modificariam a fisionomia da cidade, para realizar imagens daquilo que deixaria de existir."²⁸ A contribuição de Duarte para a fotografia paulista foi extensa:

[...] na fundação do Foto Clube Bandeirante, na organização das primeiras edições do Salão Paulista de Fotografia, na fundação da Cinemateca Brasileira, no cinema documental, didático e científico, e como crítico de cinema em diversos jornais e períodos da cidade.²⁹

²⁷ O tema foi primeiramente abordado no depoimento de Benedito Junqueira Duarte concedido a Moracy de Oliveira, Máximo Barro, Hans Gunter Flieg e Boris Kossoy. Museu da Imagem e do Som, 14 mai.1981. O trecho destacado encontra-se em DUARTE, Benedito Junqueira. *B.J. Duarte: caçador de imagens*. Textos: Rubens Fernandes Junior, Michael Robert Alves de Lima, Paulo Valadares. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.. 200-201.

²⁸ LIMA, Michael Robert Alves de. B.J. Duarte no Departamento de Cultura, op. cit., p. 26

²⁹ JUNIOR, Rubens Fernandes. B.J. Duarte: Invenção e modernidade na fotografia

Outro momento da carreira de Duarte, que merece destaque, especialmente no contexto deste estudo, foi seu período como fotógrafo na revista *S. Paulo*, em que utilizou o pseudônimo de Vamp, ao lado de Theodor Preising, que será abordado mais adiante.

1.2 Notas para uma biografia

Preising com membros de sua família em seu ateliê em Berlim.

Preising nasceu em 03 de julho de 1883, em Hildesheim, Alemanha, filho de Friedrich Preising e Maria Preising. O pai, maquinista de trem, costumava levar o filho consigo ao trabalho e, nessas viagens, o menino descobriu o gosto pelo turismo e pela fotografia que o acompanhariam durante seu futuro profissional.

Nada se descobriu até o momento sobre sua formação como fotógrafo na Alemanha, sendo este um período de sua vida que merece pesquisas específicas. Seu ateliê estava situado em Berlim (NW87, Jagowstr. 25), e, além dos retratos produzidos em estúdio, aproveitava períodos de férias para retratar turistas em regiões balneárias como Baden Baden. A esposa e os filhos o acompanhavam nessas viagens e colaboravam com as vendas das imagens produzidas.³⁰

³⁰KOSSOY, Boris. Luzes e sombras da metrópole: um século de fotografias em São Paulo (1850-1950) In PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*, v. 2: a cidade no Império. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 404.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Preising foi convocado e serviu como fotógrafo nas frentes de batalha. Essa experiência, aliada à difícil situação econômica alemã no pós-guerra, direcionou a decisão de imigrar.³¹

Preising em seu uniforme de oficial durante a Primeira Guerra Mundial.

Em março de 1923, Preising obteve seu passaporte e viajou sozinho para a Argentina, onde permaneceu por alguns meses. No final do mesmo ano, recebeu o visto para o Brasil, para onde viajou

³¹ Segundo informações do filho Carlos, o pai deixou a Europa, já antevendo a eclosão de uma nova guerra, pois não gostaria de ver o filho tornar-se "comida de canhão". Há evidências, que ainda precisam ser corroboradas de que mesmo após imigrado para o Brasil sua casa fotográfica tenha se mantido aberta e funcionando nas mãos de um sucessor, provavelmente um aprendiz do ofício.

aportando em Santos no dia 23 de dezembro, a bordo do vapor *Cap Polonio*.³²

Suas primeiras atividades no Brasil se concentraram na venda de materiais fotográficos. Desde o princípio, dedicou-se à produção de cartões postais e álbuns temáticos. A imigração dos Preising coincide com o período de maior fluxo imigratório alemão (1920-1925), desde 1880³³.

A família, finalmente reunida, estabeleceu-se na Rua Augusto Tolle, 2, Cantareira, zona norte de São Paulo. Para impulsionar as vendas de seus cartões-postais, criava álbuns temáticos encadernados e sanfonados. Os textos que aparecem nos postais foram escritos pela filha Sybill (nome aportuguesado para Sibille), já que o pai não dominava o português. As imagens eram vendidas para papelarias e casas fotográficas, como a Fotóptica, que depois as repassavam aos turistas. Em 1927, Preising abriu seu próprio estabelecimento específico para o comércio de cartões postais, sediado à Rua Voluntários da Pátria, 506, na zona norte de São Paulo.

Nesse período, realizava também trabalhos para a Secretaria de Agricultura, provavelmente fotografando fazendas do interior do estado de São Paulo. Nessas viagens, aproveitava para produzir novos cartões postais e, também, para realizar trabalhos sob encomenda dos fazendeiros, a exemplo da história de Guilherme Gaensly.

Segundo Paulo César Boni existem, em 1930, registros de um contrato de trabalho com a Companhia de Terras Norte do Paraná,

³²Sua família só chegaria ao Brasil em dezembro do ano seguinte.

³³FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Edusp, 2000, p. 275.

Entre 1930 e 1931, a Companhia de Terras Norte do Paraná contratou os serviços de um imigrante (provavelmente britânico) [sic], Theodor Preising, que vinha esporadicamente de São Paulo (SP) para produzir as fotografias usadas para ilustrar os relatórios que enviava à matriz, na Inglaterra, e serviram para propagandear seu empreendimento imobiliário em outros estados e até mesmo fora do Brasil. Preising era fotógrafo profissional na capital paulista, onde mantinha o Photo Rotativo. Seu folder publicitário, anexado aos álbuns de fotografia dizia: "Propaganda pelo turismo para o Brasil".³⁴

Em seu slogan fica evidente a vocação que mantinha em relação ao turismo e o registro de paisagens, o que mais uma vez se confirmaria quando, em 1934, começou a trabalhar para o Touring Club do Brasil, uma sociedade de turismo, como veremos adiante.

A bibliografia e os fatos indicam que Preising estabeleceu um bom relacionamento com outros fotógrafos de seu período. Seu nome aparece citado na biografia de Aurélio Becherini indicando-o como outro dos colaboradores do jornal *O Estado de S. Paulo*. O mesmo ocorre na autobiografia de Benedito Junqueira Duarte³⁵, segundo o qual, Preising seria um dos pioneiros do uso da Leica no Brasil³⁶.

Em 1936, foi contratado com o salário de dois contos de réis para o projeto da revista *S. Paulo*, que apresentava reportagens que privilegiavam a imagem em relação ao texto, seguindo uma estética moderna. A revista publicou apenas 10 números e circulou durante um ano.

³⁴BONI, Paulo César. Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004, p. 250-252.

³⁵ Segundo relato de Carlos Preising, o próprio teria ensinado Duarte a fotografar com uma Contax.

³⁶ Depoimento de Benedito Junqueira Duarte concedido a Moracy de Oliveira, Máximo Barro, Hans Gunter Flieg e Boris Kossoy. Museu da Imagem e do Som, 14 mai.1981.

Foi nesse período que deu entrada em seu pedido de naturalização, não é possível saber se por um desejo de facilitar seu trabalho como fotógrafo ou se teria sido influenciado pelo espírito nacionalista de seus companheiros de redação³⁷. A relação com os diretores da *S. Paulo*, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia certamente lhe rendeu, em 6 de novembro de 1938, a nomeação como fotógrafo para a recém-criada Diretoria de Propaganda e Publicidade, junto ao Governo do Estado de São Paulo.

A entrada no serviço público, em 1938, foi certamente um fato marcante em sua biografia, já que só deixaria seu cargo, por ocasião de sua aposentadoria, 14 anos depois. Sua entrada no serviço público e a carta de referência enviada pelo diretor Menotti Del Picchia ao Ministro de Estado da Justiça e dos Negócios do Interior intercedendo em favor de sua naturalização, foi decisiva para a concessão da cidadania brasileira.

Suas relações com o Departamento Nacional do Café abriram as portas para que Preising participasse como expositor individual no pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova York em 1939 e 1940, assunto que abordaremos no segundo capítulo.

Em 1939, muda-se com a família para a Rua Cedro, 130, no bairro do Jabaquara, próximo à residência do amigo Benedito Junqueira Duarte.

A partir de 1945, tornam-se frequentes as licenças médicas anotadas nos seus registros funcionais³⁸. Em 1948, já se encontra operando na qualidade de fotógrafo titular da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo. Logo a seguir seria lotado no Laboratório

³⁷ Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia eram integrantes do Movimento Cultural Bandeira, de teor nacionalista.

³⁸ Um sinal de que nessa época começava a apresentar os primeiros sinais do Mal de Parkinson.

de Polícia Técnica e, por fim, na Universidade de São Paulo, onde permaneceria até sua aposentadoria.

Preising veio a falecer em 24 de julho de 1962, aos 73 anos.

Abaixo, uma passagem de Benedito Junqueira Duarte sobre sua morte:

Theodor Preising morreu tranquilamente, de madrugada, durante o sono. E agora estou a me lembrar desse amigo, companheiro das aventuras da 'São Paulo' (...) Ficaram famosos os 'álbuns' de Preising e até hoje, nas paredes de muita repartição pública se encontram, dependuradas, suas fotografias, cenas de um canavial, uma paisagem ao Amazonas. Morreu o velho fotógrafo, amigo do Brasil, de sua gente, que ele conhecia tão bem, que poucos, em verdade, conheceram melhor.

Muitos anos mais tarde morreriam Cassiano Ricardo e Francisco Carlos de Castro Neves. Com certeza, hoje, Cassiano Ricardo anda a caçar papagaios em companhia do Martim Cererê e Preising a documentar essas caçadas paradisíacas, sob os olhos enternecidos do Velho lá de cima...³⁹

³⁹DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória: nas trilhas do cinema brasileiro*. vol.2. São Paulo: Massao Ohno –Roswith Kempf Editores, 1982 p.184.

Capítulo 2

Trajetória profissional

2.1 Vocação para o turismo

No período anterior à popularização das câmeras fotográficas, os cartões-postais eram a única forma de lembrança ou registro de locais visitados, ou mesmo do local em que se vivia. Sua natureza motivava coleções de vistas, hábito que se tornou popular no mundo todo gerando a moda conhecida por “cartofilia”. Nesse período os cartões-postais não registravam apenas vistas urbanas ou rurais. Desde o século XIX, era comum a comercialização de imagens que retratavam tipos humanos, como o negro, o índio, o imigrante, entre outros.

As livrarias eram o ponto de venda mais habitual para a aquisição de cartões-postais. As imagens dos postais eram cuidadosamente selecionadas com o objetivo de privilegiar apenas o aspecto positivo da cidade e as belezas dos monumentos e logradouros públicos. Os cartões-postais seguem o mesmo percurso dos turistas, “visitando” locais centrais, monumentos, edificações, belezas naturais, entre outros aspectos, além de registrar e difundir uma imagem do local fotografado ao mundo.

Durante a maior parte de sua carreira, Preising esteve voltado para o turismo. Chegando ao Brasil, logo começou a produzir cartões postais de diversas regiões do país. Cada um deles era numerado e identificado formando assim uma coleção. Através dessa numeração, elaborada sequencialmente, é possível demonstrar que sua produção começou no estado de São Paulo, primeiro no litoral e depois na capital. Como diferencial para seu trabalho ficava o hábito de registrar vistas das cidades, sempre do alto. Segundo relato de seu filho Carlos, ele e o pai costumavam subir a Serra do Mar para que o pudessem tomar as panorâmicas.

Um dos primeiros postais de Preising no Brasil

Um dos primeiros postais de Preising na cidade de São Paulo

Postal realizado no rio de Janeiro, explorando um ângulo inusitado do Cristo Redentor

EST. PARANÁ - ALGODÃO

DIREITOS
RESERVADOS

PREISING
1223

Colono no cultivo do Algodão na Paraná.

Cidade do Guarujá vista do alto.

Como mencionado anteriormente, Preising foi contratado pela *Cia. de Terras Norte do Paraná*, para documentar a colonização de Londrina, desde a chegada dos imigrantes ao porto de Santos até os assentamentos. A abertura das estradas, a construção de casas, os primeiros estabelecimentos comerciais e demais edificações urbanas fizeram parte de seus registros. Muitas dessas fotografias se encontram hoje no Acervo do Museu Histórico de Londrina, em álbuns elaborados pelo fotógrafo amador George Craig Smith, que trabalhava como guia de Preising na incipiente cidade⁴⁰.

As primeiras casas de Londrina eram produzidas tendo “tábuas” de palmito como matéria-prima. Posteriormente, as construções seriam prioritariamente feitas de peroba rosa.

⁴⁰ Para mais informações sobre a colonização de Londrina e os fotógrafos que documentaram a cidade ver: BONI, Paulo César. Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

As serrarias são consideradas as primeiras “indústrias” do Norte do Paraná. A demanda por madeira para a construção de casas era grande logo nos primeiros anos da cidade, já havia quatro estabelecimentos comerciais com essa finalidade em funcionamento.⁴¹

⁴¹ BONI, Paulo César. Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004, p. 66

Registro da primeira escola da região: a Escola Alemã do Heimtal, dedicada principalmente aos filhos dos imigrantes alemães. O espaço também servia como centro de convivência.⁴²

⁴² BONI, Paulo César. Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004, p. 71

Em 1932, é inaugurado o Hotel Luxemburgo, uma opção mais sofisticada para quem procurava hospedagem em Londrina.⁴³

⁴³ BONI, Paulo César. Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004, p. 71

Os visitantes da nova cidade viajavam em balsas para atravessar o rio Tibagi. Vale o destaque para a placa que trata da venda de terrenos na região.

Em 1934, trabalhou para o Touring Clube do Brasil. Essa instituição, fundada em 1923 com a denominação de Sociedade Brasileira do Turismo, tinha por meta: " (...) divulgar os recursos turísticos do país junto às então chamadas classes superiores da nossa sociedade - e reverter assim a 'monomania de Europa' (sic) que dominava as elites brasileiras"⁴⁴. Contratado pelo Touring Clube, Preising realizou um cruzeiro pelas regiões norte e nordeste do país, do qual existe um amplo registro fotográfico dos associados do clube ao longo de toda a viagem, tanto no navio como em terra. Preising aproveitou a oportunidade para ampliar o seu acervo, registrando as paisagens das regiões visitadas criando novos álbuns fotográficos e cartões postais.

Navio ancorado diante da sede do Touring Clube do Brasil no rio de janeiro. Os viajantes eram recepcionados por uma banda de fanfarra. A inscrição na foto foi feita pelos descendentes em arquivo digital.

⁴⁴ Informações retiradas do endereço <http://www.touring.com.br/historia.php>.

Passeio dos passageiros em Belém do Pará

Passageiros do navio embarcando no Porto de Manaus. A inscrição na foto foi feita pelos descendentes em arquivo digital.

Em seu cartão de visita lia-se "Propaganda pelo turismo para o Brasil", como já foi mencionado. Suas viagens para obtenção de novas vistas para os cartões postais e novos álbuns, eram geralmente combinadas com outros contratos. Como por exemplo, ao fotografar as fazendas do interior do estado de São Paulo, para a revista do Departamento Nacional do Café, prática essa que lembra a atuação de seu antecessor Guilherme Gaensly.

Colonos chegam para a colheita do café em fazenda no interior do estado de São Paulo.

No Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo, Preising fez parte da Divisão de Turismo chefiada por Ernani Silva Bruno. Assim, Bruno descreve o trabalho em seu livro de memórias:

[...] e de uma Divisão de Turismo e Expansão cultural, que me coube dirigir e onde tive a valiosa colaboração de Oswald de Andrade Filho (Nenê) e do jornalista Hélio Damante.

Esta última Divisão editou então dois folhetos turísticos 'Itanhaém' (1947) e 'Campos do Jordão' (1948), ambos com textos de Hélio Damante, fotografias de T. Preising e roteiros ilustrados por Tarsila do Amaral e Aldemir Martins⁴⁵

Na mesma divisão fez parte da revista *Travel in Brazil*, destinada a divulgar as belezas brasileiras para o exterior.⁴⁶

A linguagem típica dos cartões postais, que busca exaltar as belezas e as atrações de cada lugar registrado, tem a função procurada pelo governo Vargas em cada uma de suas publicações: divulgar, promover e exaltar "a prosperidade" e as "belezas" brasileiras.

⁴⁵BRUNO, Ernani Silva. *Almanaque de Memórias: reminiscências, depoimentos, reflexões*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986, p. 162.

⁴⁶ O assunto será tratado no item 2.2.2. Reproduções dessa publicação podem ser encontradas no anexo IV.

2.2 Fotografia e ideologia na propaganda do Estado

2.2.1 A experiência da Revista S. Paulo

O trabalho de Preising mais conhecido e citado na historiografia refere-se ao que realizou na revista *S. Paulo*⁴⁷. O mensário de grande formato circulou em 1936 e teve apenas 10 números. Dirigida por Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Leven Vampré, o objetivo da revista era promover as ações da administração de Armando Salles de Oliveira em São Paulo. Abaixo, a descrição empolgada que Cassiano Ricardo, um de seus diretores, fez da publicação em sua autobiografia:

Em seu governo [de Armando Salles de Oliveira] aparece a mais bela revista em rotogravura que São Paulo já teve, dirigida por Leven Vampré, Menotti e eu. Mais bela como realização artística graças a Lívio Abramo, mestre da gravura, da fotomontagem e das estatísticas ilustradas a rigor, relativa ao crescimento e às realizações do Estado. Theodor Preising e Benedito Duarte, verdadeiros *experts* da fotografia moderna, a ilustravam maravilhosamente. Já que a *kodak* em mãos deles adquiria sensibilidade para surpreender a paisagem, as coisas e as figuras humanas em movimento, os operários trabalhando, os aspectos grandiosos da cidade etc.⁴⁸

⁴⁷ Para um estudo aprofundado do tema ver: TAKAMI, Marina Castilho. *Fotografia em marcha: revista São Paulo – 1936*. Dissertação de mestrado – Programa Interunidades em estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2008.

⁴⁸ RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p.69.

A fotografia era peça fundamental na *S. Paulo*. Suas páginas eram fartamente ilustradas com montagens produzidas por Lívio Abramo a partir das fotografias de Preising e Duarte. Para apresentar o projeto do governo que modernizava a cidade, a fotografia e a diagramação também precisam se mostrar modernas. Assim, a *S. Paulo* se propunha a ser grandiosa:

[...] pela primeira vez na imprensa brasileira, se reconhecia o valor informativo e didático da imagem fotográfica. A 'São Paulo' era o espelho da atividade de nosso Estado, manejado por seu governador de então, Armando de Salles Oliveira, um dos homens mais empreendedores que o Brasil já conheceu. Essa revista, mensal e impressa em rotogravura, em papel de grande formato, servia-se da fotografia como seu principal meio de comunicação, reduzindo os textos à sua expressão mais simples.⁴⁹

Muitas das fotografias de autoria de Preising publicadas pela *S. Paulo* encontram-se no acervo dos descendentes. Como é o exemplo da reportagem sobre a fábrica de cimento da Votorantim:

⁴⁹ DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória: crônicas e contos da memória* vol. 1. São Paulo: Massao Ohno –Roswith Kempf Editores, 1982 p. 72

Para que essas imagens pudessem ser escolhidas uma longa série foi tomada, a seguir o exemplo de duas, das fotografias descartadas pela reportagem:

Para realizar as reportagens da *S. Paulo* Preising e Duarte deram preferência às câmeras de pequeno formato⁵⁰, ainda uma novidade no Brasil. Assim descreve Duarte.

Preising era bem mais velho do que eu, mas tinha um espírito de moço e uma agilidade profissional de adolescente. Nas grandes reportagens da 'São Paulo', introduzira uma inovação, que eu mesmo, com outro equipamento, começara a experimentar, em fins dos anos 20, durante minha atividade no "Diário Nacional": a adoção de câmeras fotográficas de pequeníssimo formato na reportagem jornalística. Preising era perito no manejo da "Leica" e da "Contax", aparelhos ainda de pouco uso no Brasil, onde predominavam as câmeras 13X18 na fotografia para a imprensa, verdadeiros megatérios fotográficos, a 'Graflex', as 'Goertz', as 'Mentor-Reflex', as 'Ilhagee'.

Munidos de uma Leica e de uma Contax-Zeiss, Preising e eu, numa reportagem em meio de uma multidão, de um desfile militar, de comemoração cívica qualquer, nos podíamos mover livremente, sem nos amarrar a um tripé e sem outro peso morto a nos frear a ação.⁵¹

Os assuntos a serem abordados nas páginas da revista eram pautados por seus diretores. Preising, no entanto demonstrava uma paixão por seu trabalho e um faro jornalístico que o tornavam um

⁵⁰ "Oskar Barnack's genius idea of creating the small format 35 mm camera created a revolution in photography in 1925, paving the way for the birth of the Leica Legend. His diminutive, lightweight Leica offered a new, undreamed-of freedom in reportage and artistic photography". Trecho extraído do site: <http://en.leica-camera.com/culture/history/>

⁵¹ DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória*: nas trilhas do cinema brasileiro. vol.2. São Paulo: Massao Ohno –Roswith Kempf Editores, 1982 p. 183 / 184

fotógrafo diferenciado para uma publicação como a *S. Paulo*. O episódio abaixo descreve bem esse espírito e essa postura:

Certa vez, em 1936, se bem me lembro, apareceu, nos céus de S. Paulo, um monstro aéreo: o 'Graf Zeppelin' do Dr. Ekner, a evoluir por sobre a cidade. Cassiano Ricardo ficou maluco. Queria uma reportagem completa do acontecimento e, para isso, eu tive de me desdobrar, pois Preising desaparecera e ninguém sabia onde estava. E eu, feito barata tonta, fazia trabalhar a Contax em ritmo de metralhadora, a focalizar a enorme aeronave, sob todos os ângulos paulistanos. Mas, desde logo notara que o 'Graf Zeppelin', para onde quer que se dirigisse, era seguido por um minúsculo avião, a parecer mosquito em torno de gigantesco besouro. Na manhã seguinte, ressuscita o velho Preising, de riso aberto em meio da barbicha grisalha, enfrentando a carranca de Cassiano Ricardo: 'por onde andou ontem, 'seu' Preising?'. Este não disse palavra, apenas abriu, à frente de Cassiano, uma pasta que retirou uma espantosa coleção de fotografias tomadas do alto, sobre e sob a nave aérea, de quando em quando a aparecerem, lá em baixo, o fundo admirável da cidade e os poucos de seus arranha-céus de então, a surgirem do Anhangabaú. Preising, ao vislumbrar o zeppelin no horizonte, correria ao Campo de Marte e convencera, não sei por que artes, no seu português arrevesado, um piloto, que nem conhecia, a voar com ele, a seguir o monstro metálico na sua viagem por sobre São Paulo. E enquanto eu o fotografava de baixo, Preising o fazia do alto, a bordo do aviãozinho que eu vira evoluindo em volta

do engenho alemão, feito mosquito em torno de um besouro.⁵²

⁵²DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória: nas trilhas do cinema brasileiro*. vol.2. São Paulo: Massao Ohno –Roswith Kempf Editores, 1982 p. 183 / 184

A passagem de Preising pela *S. Paulo* foi determinante para o rumo de sua carreira no Brasil. Será através dos contatos feitos nesse período que ele chegará ao serviço público, como veremos na sequência.

2.2.2 A carreira no funcionalismo público

O crescimento de São Paulo estava exigindo a presença de um departamento especializado capaz de fixar-lhe os vários setores de atividade: fixar o fato, através do trabalho de seus redatores e a foto com a máquina alerta e moderna de dois especialistas.⁵³

Para suprir essa demanda, em maio de 1938 foi criado o Serviço de Publicidade e Propaganda do Estado de São Paulo no governo de Adhemar de Barros. O diretor do novo órgão viria a ser Menotti Del Picchia, ex-diretor da revista *S. Paulo*, e os cargos de fotógrafo, seriam preenchidos por Theodoro Preising e Landislau Roman.

Poucos meses depois, exatamente em novembro do mesmo ano, o Serviço é reformado pela primeira vez, passando então a denominar-se Departamento de Propaganda e Publicidade.

Tanto o Serviço, como o Departamento, funcionaram a princípio em duas amplas salas de frente, no antigo Palácio do Governo no Pátio do Colégio. [...]

A transformação do Serviço em Departamento representava uma necessidade, nascera pequena demais, modesta demais, agora quase desaparelhada mesmo para preencher suas finalidades de órgão destinado à propaganda das realizações paulistas no plano administrativo.

Além disso, nos idos de 1938, há mais de trinta anos, portanto, já se começava a conscientizar a importância de uma

⁵³ RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p.78

dinamização dos meios de comunicação dentro de seus campos naturais: a publicidade e a propaganda.⁵⁴

O Departamento de Propaganda e Publicidade (DPP) também não teve vida longa. Em 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e, pouco mais de um ano depois, foi criado, em São Paulo, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), que absorveu as funções e o quadro funcional do DPP.

Durante a gestão de Adhemar de Barros entrou em vigor o decreto nº 11.849, de 13 de fevereiro de 1941 e, cumprindo os dispositivos dessa legislação, o interventor criou o DEIP em São Paulo, diretamente subordinado à Interventoria Federal. A partir dessa data, ficaram incorporados ao DEIP os serviços já existentes na administração do Estado: a Diretoria de Propaganda e Publicidade, o Serviço de Censura e Fiscalização de Teatros e Divertimentos Públicos; o Registro de Jornais, Revistas e Empresas de Publicidade e o Serviço de turismo, havendo inclusive, remanejamento de pessoal desses órgãos para o novo Departamento, que recebeu a transferência de todas as dotações orçamentárias referentes às repartições a ele anexadas.⁵⁵

O novo Departamento abarcava seis divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa e Serviços Auxiliares. Nessa nova organização, Preising seria designado para um trabalho especial ao lado de Cassiano Ricardo.

⁵⁴RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p. 77.

⁵⁵GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Editora Marco Zero: Programa Nacional do Centenário da República e Bicentenário d Inconfidência Mineira – MCT/CNPq, p.77.

Em 1939, ainda no governo Adhemar, interventor, fui trabalhar no Rio com autorização sua na elaboração de uma outra revista, também em rotogravura, *Brasil Nôvo* [sic], do Departamento Nacional de Propaganda.

Seria uma contribuição de São Paulo para focalizar as realizações do Estado Nôvo, já no plano nacional, com as características de arte e técnica da *São Paulo*, porém em formato um pouco menor e talvez menos sugestivo.

Fotografias e gravuras continuam a ser feitas em São Paulo, por Preising e Lívio Abramo; portanto, com as dificuldades de correntes da divisão do trabalho entre o Rio e a Capital do meu Estado [...] as dificuldades cresciam e o remédio me foi, então, retornar a São Paulo e assumir a direção do DEIP.⁵⁶

O primeiro fascículo de *Brasil Novo*⁵⁷ [sic] foi lançado em primeiro de junho de 39. A fórmula da *S.Paulo*, portanto se repetia, mas sem a força do grande formato e do ineditismo trazido com a publicação anterior. A publicação cobria eventos oficiais, o progresso da indústria brasileira, o sucesso da agricultura, as manifestações públicas e cívicas e as realizações do governo. Com textos em português e inglês, a revista procurava estabelecer uma relação direta com o presidente Getúlio Vargas ao publicar frases de sua autoria.

De volta aos setores do DEIP em São Paulo, Preising iria assumir uma posição com a qual apresentava maior afinidade: a Divisão de Turismo. Esse setor era responsável por distribuir fotografias das

⁵⁶RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p. 78

⁵⁷ Reproduções da revista podem ser encontradas no anexo IV

principais cidades turísticas, além de editar a revista *Travel in Brazil*⁵⁸.

Essa publicação trazia textos de grandes nomes nacionais como Cecília Meirelles, Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade. Entre seus colaboradores na área da fotografia estavam: Hess, Stille, Sasha Siemel, Manzon, Almeida, entre outros. .

Ao analisarmos as edições, é possível perceber que nem todas as fotografias foram tomadas exclusivamente para essa publicação, utilizando muitas vezes os acervos já existentes dos fotógrafos.

Preising era o fotógrafo oficial dessa revista e das outras editadas pelo setor, como dois folhetos turísticos um sobre Itanhaém e o outro sobre Campos dos Jordão, em 1947 e 1948, quando o DEIP já havia sido transformado em Departamento Estadual de Informações (DEI)⁵⁹.

Como um fotógrafo que já havia trabalhado durante muitos anos com cartões postais, acostumado a extrair sempre os aspectos positivos dos locais que visitava, Preising se apresentava como o profissional ideal para a realização das fotografias que iriam divulgar a imagem do Brasil no exterior. No cenário nacional, as imagens ajudavam a criar orgulho no povo brasileiro e a transmitir a ideia de grandeza do país.

O decreto-lei nº 7.582, de 25 de maio de 1945, extinguiu o DIP e criou o Departamento Nacional de Informações (DNI) diretamente subordinado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores [...] o novo

⁵⁸ Reproduções da revista podem ser encontradas no anexo IV.

⁵⁹ Ambas as publicações encontram-se reproduzidas na íntegra no anexo IV.

departamento manteve os mesmos quadros funcionais do DIP⁶⁰

Em 1945, o DEIP é extinto para dar lugar ao Departamento Estadual de Informações (DEI), órgão no qual as funções da Agência Nacional ainda seriam as mesmas.

Com a eclosão da segunda guerra Mundial, as demandas da Divisão de Turismo se reduziram e Preising passou a trabalhar também na Agência Nacional, da qual em 1948 faziam parte Avelino Ginjo, Miguel Mafulde, Lourival Thomaz Fernandes, Raul Ginjo, Rubens Rodrigues Pinheiro, Mario Taiani, Roberto Manente, Augusto Côrrea Filho e Miguel Poli⁶¹.

As fotografias da Agência Nacional não eram distribuídas com identificação de autor, tornando difícil a localização do trabalho realizado especificamente por Preising. De forma geral, os registros tratavam de obras, políticos, cerimônias oficiais etc. típicas da iconografia oficial. Essas imagens procuravam retratar um governo empenhado em promover o progresso, com governantes sérios, que se apresentavam como homens de família. Ao serem vinculadas pela imprensa, as fotografias ganhavam um peso ainda maior aos olhos do leitor, que ao desconhecer o contexto e as intenções por trás de sua produção, tomavam-nas como sinônimo de verdade.

Um dado interessante nesse contexto é que as legendas que acompanhavam cada uma das imagens eram escritas pelos próprios fotógrafos no verso das imagens. O texto assim reforçava a ideia que era transmitida pela imagem e orientava o olhar do leitor nesse sentido.

⁶⁰GOULART, Silvana. Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Editora Marco Zero: Programa Nacional do Centenário da República e Bicentenário da Inconfidência Mineira – MCT/CNPq, p.75-76

⁶¹ Sobre os fotógrafos da Agência Nacional ver anexo III.

Com a extinção também do DEI, em 1948, os funcionários do Departamento foram redistribuídos dentro dos órgãos públicos

Mas dentro de pouco tempo o departamento Estadual de Informações desapareceria. Nós, seus antigos redatores, fomos então destacados para prestar serviços na Secretaria do Governo, em edifício existente em frente ao palácio dos Campos Elísios. Prestar serviços era um eufemismo. Ali não havia espaço, nem atribuições para nós.⁶²

Preising passa a ser fotógrafo titular da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo. É nesse período que também começam a aparecer as primeiras licenças médicas prolongadas em seu prontuário, indicando que os primeiros sintomas do mal de Parkinson, que viriam a acometê-lo já começavam a aparecer.

Por não existirem atribuições para Preising na Secretaria de Estado, passa a prestar serviços em outras esferas da máquina pública. Primeiro, pelo período de um ano, no Laboratório de Polícia Técnica da Secretária de Estado dos Negócios da Segurança Pública.

Ao retornar, Preising é transferido para o Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo (USP), onde ficaria por dois anos. Em agosto de 1952, Cunha Lima, então secretário de estado, solicitou ao reitor Ernesto Leme um cargo junto à USP⁶³, para a prorrogação de seus trabalhos por mais um ano, quando daria entrada em sua aposentadoria e encerraria suas atividades profissionais.

⁶²(Bruno, 1986)P 164

⁶³CARVALHO, Rosana Maria. *Ernesto Leme na Reitoria da Universidade de São Paulo: uma análise preliminar de gestão*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco, campus Itatiba, 2006.

2.2.3 Imagens do Brasil na Feira Mundial de Nova York

O pavilhão brasileiro na “Feira Mundial de Nova York” de 1939 tinha a intenção de posicionar o país na vanguarda mundial. Por isso a organização escolheu grandes expoentes da nossa arquitetura para projetá-lo: Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

O projeto do Pavilhão foi organizado pelos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer Filho, e o desenho dos interiores e mostruários pelo arquiteto Paulo Lester Wiener. [...] Em conjunto, os mostruários e os interiores se propõem interpretar uma sinfonia da dignidade e do espírito do governo do Brasil e a traduzir o caráter mesmo do Brasil de Amanhã, respeitando tradições de onde envolve esse futuro.⁶⁴

A escolha da decoração, incluindo as fotografias, seguiu também um caminho moderno, procurando valorizar os produtos nacionais de exportação e ressaltar a capacidade produtiva do país. O destaque, sem dúvida, era para o café.

[...] o café é desde cedo associado ao ritmo do trabalho, à vida moderna e à cidade. Não por acaso, o grande cliente do café paulista, de longe, eram os Estados Unidos. A associação de São Paulo com o café e toda a sua gama de conotações logo assumiu uma amplitude simbólica poderosa.⁶⁵

⁶⁴VIDAL, Armando. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1939*: relatório geral. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, p.9-10.

⁶⁵SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura*

Uma especial atenção foi dada ao processo de beneficiamento do produto, através de uma exposição feita com painéis fotográficos de autoria de Preising.

Fotografia do andar térreo do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York em 1939.⁶⁶

nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 83.

⁶⁶ Reprodução de VIDAL, Armando. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1940: relatório geral*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 84-85

Visitantes observam diferentes tipos de grãos de café diante de montagens fotográficas de Preising ampliadas em painéis de grande formato.⁶⁷

A organização do pavilhão brasileiro ficou a cargo de Armando Vidal, ex-diretor do Departamento Nacional do Café. Ao observar os fotógrafos que participaram dessa exposição, pressupõe-se que tenham sido escolhidos aqueles que mantinham uma relação com o

⁶⁷ Reprodução de VIDAL, Armando. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1940: relatório geral*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 87.

Departamento, já que tanto Preising quanto o Studio Rembrandt, estavam frequentemente nas páginas da revista do Departamento.

Além das fotos do beneficiamento, consta também dos registros do relatório do Comissário Geral do Brasil, a exposição de fotografias artísticas de paisagens brasileiras no segundo andar da Pavilhão, cujo registro não foi localizado:

"Artistic and enlarged photographs

- a) Guerra Duval – RJ
- b) M. Rosenfeld – RJ
- c) Paulino Botelho – RJ
- d) Eric Hess – RJ
- e) Studio Rembrandt – RJ
- f) Renato G. Palmeira- RJ
- g) Theodor Preising –SP”⁶⁸

A participação no Pavilhão Brasileiro em 1939, e novamente em 1940, rendeu aos expositores um reconhecimento da organização da Feira:

Em 1939, a direção da Feira, desejando testemunhar aos expositores o apreço pelo seu comparecimento, conferir-lhes um certificado de alto valor para os participantes. (...)

Em consequência foram premiados 281 expositores brasileiros, e uma firma com sede em Nova York que apresentou produtos brasileiros⁶⁹

⁶⁸VIDAL, Armando. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1939*: relatório geral. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, p 116.

⁶⁹VIDAL, Armando. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1939*: relatório geral. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, p. 67.

A organização do Pavilhão Brasileiro editou um álbum de vistas do Brasil para ser distribuído aos visitantes e a instituições. Intitulado *Travel in Brazil*, o volume trazia um breve resumo da história do Brasil e “[...] the best photographic documentation that has been produced by the finest câmera artists [...]”⁷⁰. Ainda assim, o livro não trazia o crédito devido aos fotógrafos que colaboraram com a publicação. Dentre essas imagens pudemos identificar fotografias produzidas por Preising nos seguintes estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

⁷⁰ *Travel in Brazil*, Brazilian representation New York World’s Fair 1939. Official Publication. Rio de Janeiro, 1939.

2.3 A obra de Preising aplicada às publicações

O trabalho de Preising não se restringiu apenas à feitura de cartões-postais ou a cumprir suas funções como funcionário público. Nesse sentido seu trabalho pode ser comparado ao de Gaensly que também realizou serviços para a Secretária de Agricultura, para a Light e teve suas fotografias publicadas em diversos livros, inclusive é possível realizar um trabalho comparativo com locais fotografados por ambos.

Seu trabalho pode ser encontrado em jornais, revistas e livros de sua época. Algumas de suas fotografias permanecem como referências em livros didáticos de geografia anos após a sua morte.

Em dezembro de 1930, uma foto da Rua XV de novembro, de autoria de Preising, é publicada na National Geographic Magazine em uma reportagem intitulada: Gigantic Brazil and its Glittering Capital⁷¹.

⁷¹Texto de Frederick Simpich e fotos de Jacob Gayer, Albert W. Stevens, O. Achtschin, E.M. Lawton, Dr. Gilbert Grosvenor, Melville Bell Grosvenor e Theodor Preising, e mapa de A. H. Bumstead. National Geographic Magazine Vol. 58 – July – Dec. 1930. p. 732-778.

Photograph by T. Preising

SÃO PAULO IS A LOS ANGELES OF THE SOUTH

As to climate, wealth, and location, conditions here are similar to those in the coffee city's North American sister. Wealth, both individual and official, is reflected in many of the streets and buildings.

Greenland. Our Alaska almost touches Asia; but South America, in the vast hump of Brazil, pushes out into the Atlantic till it is 2,600 miles east of New York City. Fly or steam south from the Statue of Liberty for Rio de Janeiro along the West Indian routes and you must ride close to 7,000 miles to get there—a voyage that would carry you from New York to Tokyo, were you flying west. This isolation from the main east-and-west tourist trails around the world leaves Rio miles off the beaten track.

It is not only remote from other great world cities, barring Buenos Aires, but, because of Brazil's enormous area and lack

of adequate railroads, its capital is also far remote from many of its own cities and important States. From Manáos, on the upper Amazon, the 3,500-mile boat trip to Rio may require 10 or 15 days, depending on connections.

Think how long it took a California delegate to reach Washington in stage-coach days and you can imagine how much mileage Brazil gets out of a senator who comes, let us say, from the State of Pará or Amazonas! And what a long, long trail for an emissary from far-away Acre Territory, on the Peru and Bolivia boundaries! Our vast net of motor highways and railroads pours more than 4,000,000 Amer-

A legenda da revista trazia a seguinte inscrição: As to climate, wealth, and location, conditions here are similar to those in the coffee city's North American sister. Wealth, both individual and official, is reflected in many of the streets and buildings.

Essa não foi a única publicação internacional a reproduzir fotografias de Preising. Diversos livros que se dedicavam ao ensino de geografia traziam suas imagens. Por se tratarem de imagens que

falavam do cultivo do café, é provável que tenham sido distribuídas pelo Departamento Nacional do Café, já que esse órgão cuidava da divulgação do cultivo brasileiro em âmbito internacional e era responsável por montar Feiras em países estrangeiros, distribuindo folhetos e álbuns com essa finalidade. Abaixo, a reprodução de uma página de um desses livros.

Além de *Living Geography: how countries differ*⁷², reproduzido acima, é provável que as fotografias de Preising sejam encontradas também nos seguintes títulos: *Fertilizer use: nutrition and manuring of tropical crops* (1963), *Brazilian culture: an introduction to the study of culture in Brazil* (1971), *Foreign agriculture, Volumes 14-15*

⁷² HUNTINGTON, Ellsworth; BENSON, C. Beverley; McMURRY, Frank M.. *Living Geography: how countries differ*. New York: The Macmillan Company, 1932.

(1950), *Economic geography* (1941), *Foreign agriculture, Volumes 13-15* (1949), *Foreign trade, Volume 9* (1951), *Bibliography on land and water utilization and conservation in Europe* (1955), *Economic geography* (1935), *Economic geography* (1954), *Foreign agriculture: a review of foreign farm policy, production* (1950), *Economic geography* (1965), no entanto os originais não foram localizados para confrontação das informações.

Outra publicação em língua estrangeira com fotos de Preising é *Brazil Looks Forward*, de Benjamin H. Hunnicutt, impresso pelo serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A fotografia não está identificada como sendo de autoria de Preising, o que é algo raro, já que geralmente o seu monograma está colocado em todas as suas imagens, mas ela pode ser identificada junto ao acervo dos descendentes.

Harvesting the coffee crop

off the trees together. A cloth is spread on the ground under each tree before the picking begins. The berries are stripped from the branches by the hand of the picker who drops them into this cloth. Care must be taken to remove only the berries from the trees. However, some leaves and bits of broken branches always fall with the berries, so as soon as the tree is stripped, the cloth is held up by the corners and all its contents are then put through a winnowing process. The berries, now free of trash, are piled up at the end of the coffee row by each picker or group of pickers. Usually a whole family, the father, mother, and all the children work as one group, and they put their harvested berries into a common pile. Toward night, the big ox carts or automobile trucks drive through the plantation and haul in the harvest of the day. The berries are measured in basket similar to our bushel baskets, and the picker is paid according to the contract price agreed to at the beginning of the harvest with the planter. This price varies greatly according to the locality, as prevailing wages are much higher in some places. This may be due to a scarcity of laborers, or it may be due to higher

A revista *Em guarda: para a defesa das Américas* era uma publicação norte-americana, destinada ao público brasileiro. Editada pela Coordenação de Relações Culturais e Comerciais entre as Repúblicas Americanas

Reprodução do ano 4, nº 4. A foto de Preisling é a localizada entre as duas outras imagens a direita

Detalhe da última página da revista com os créditos de fotografos discriminados por página.

As imagens de Preisling da colonização do Paraná foram utilizadas para ilustrar o livro *O rio Paraná no roteiro da marcha para o oeste*, de Theophilo de Andrade. Nesse volume constam cerca de 20 fotografias de sua autoria.

Suas fotos foram também incluídas em diversas coletâneas. Entre elas, *Gente e terra do Brasil*, publicada provavelmente pouco depois de 1945, era o quinto livro da Coleção de Temas Brasileiros da Kosmos Editora. O livro se propunha a reunir imagens de todo o Brasil com a participação de diversos fotógrafos entre eles: Theodor Preising, Thomaz Farkas, Hans Gunter Flieg, Erich Hess, Peter Scheier, entre outros. A amplitude do livro se sobrepõe ao alcance do trabalho de Preising, talvez por isso das 126 fotografias publicadas, na obra, 37 são de sua autoria, cobrindo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia e Goiás.

Além disso, as coletâneas *Isto é a Bahia!* e *Isto é o Rio de Janeiro!* também trazem imagens de Preising.⁷³

⁷³ Para essas referências procurei me focar em trabalhos publicados durante a vida de Preising, deixando de lado coletâneas posteriores.

Capítulo 3

Obras comentadas

3.1 A modernização da linguagem

As imagens aqui selecionadas passam por diversos momentos da obra de Preising e servem de exemplificação das diferentes vertentes estilísticas, técnicas e culturais, por ele empregadas ao longo da carreira. Fotografias essas que traduzem um esforço de síntese para que se possa dimensionar a versatilidade de sua produção.

Preising não chegou ao Brasil como um fotógrafo iniciante, ou um aprendiz do ofício. Aos 40 anos de idade, ele já era um profissional experiente, com uma técnica impecável e um senso estético apurado.

Ao analisarmos as imagens que foram produzidas ao longo dos 15 anos em que seu trabalho foi ativo no Brasil, podemos observar que a linguagem utilizada pelo fotógrafo modernizou-se. Dos aspectos clássicos dos tomados dos cartões-postais, Preising ousou criar grafismos em suas imagens, a utilizar ângulos inusitados e a explorar a contraluz.

O que veremos a seguir trata-se de um painel representativo, segundo escolha da autora.

O trabalhador faz a separação do café na lavoura. Essa imagem já fez parte da revista *S. Paulo* e também do pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova York, além de ter integrado a coletânea *Gente e Terra do Brasil*, todos assuntos já tratados neste trabalho.

A tomada, feita de baixo para a cima, engrandece os grãos de café colocando-os em primeiro plano, valorizando assim o produto e o trabalho, em relação ao colono que aparece na imagem.

Fazenda no interior de São Paulo, no momento em que os imigrantes chegam para fazer a colheita do café. O ângulo da tomada, que cria duas diagonais no centro da foto, conduzem o olhar do espectador desde o primeiro plano até o ponto de fuga da perspectiva criada, sugerindo grande extensão do cafezal e numerosa quantidade de trabalhadores.

A cena aqui é representada de forma bucólica e, de certa forma, convida o espectador a participar da vida no campo.

Flagrante da queima de sacas de café promovida pelo Departamento Nacional do Café, com vistas a aumentar o preço do produto no cenário internacional depois da quebra da Bolsa de Nova Iorque.

A existência dessa fotografia, na obra de Preising, mostra mais uma vez o relacionamento que o fotógrafo mantinha com esse Departamento. Apesar de se tratar de um episódio bastante conhecido da história recente do Brasil, talvez esse seja um dos únicos registros fotográficos desse fato.

As vistas aéreas eram uma constante na obra de Preising. Nesse caso, vemos uma tomada realizada do Museu do Ipiranga (atual Museu Paulista da Universidade de São Paulo), que captou também o entorno do local mostrando áreas pouco povoadas, na porção direita da imagem, quase uma "fronteira" do espaço urbano.

A exemplo do modelo de trabalho de Guilherme Gaensly, Preising aproveitou o contrato com a Companhia de Terras Norte do Paraná para produzir postais naquela região.

O postal acima se sobrepõe a documentação realizada para a Companhia, já que trata da construção da casa de um colono. Aqui no fotógrafo registra uma tomada ampla que nos mostra toda a estrutura da casa em toras de madeira. O registro capta também a reunião de diversos homens em torno de uma única construção, sugerindo que provavelmente famílias diferentes se reuniam para a construção das habitações em um clima de comunidade.

O registro do trabalho do sertanejo no garimpo retrata mais do que apenas o ambiente e as ferramentas deste. Fotografado dessa forma e impresso em cartão-postal, o garimpeiro armado é exaltado no seu trabalho e atitude em um sentido positivo, bem ao contrário do registro dos "tipos" indígenas e negros registrados no século XIX.

Registro da chegada de imigrantes ao Brasil. A fotografia acima representa o desembarque em terras brasileiras; muito deles procuram sorrir para as lentes do fotógrafo, demonstrando assim, a esperança e as expectativas que trazem para a nova terra. No acervo familiar de Preising, também é possível encontrar imagens da hospedaria dos imigrantes, do trem que levava os recém-chegados até lá e das partes internas do navio em que chegavam.

Retrato de jovem imigrante, possivelmente italiana, em meio a uma plantação de laranja. Essa imagem faz parte de uma série de fotografias que podem ser encontradas no jornal *Brasil Novo*, o que justifica a escolha de retratá-la sorrindo em meio às árvores, para transmitir pelo testemunho fotográfico a impressão de bem-estar dos colonos que trabalhavam na lavoura. A reportagem que acompanhava essa série de imagens tratava da expansão e da grande safra de laranja daquele período.

O sino fotografado em contraluz destaca uma das igrejas da cidade de Ouro Preto, visitada pelo fotógrafo, para produzir uma reportagem da revista *Travel in Brazil*. Essa tomada não foi aproveitada pela publicação, que deu preferência à escolha de cenas clássicas das igrejas e da cidade.⁷⁴

⁷⁴ A reprodução dessa reportagem encontra-se no anexo IV

Visão do Instituto do Açúcar e do Alcool utilizada em reportagem da revista *Brasil Novo*, sobre a lavoura e beneficiamento da cana-de-açúcar no estado de São Paulo. Observar a preocupação estética do fotógrafo ao compor a fachada do edifício com o seu reflexo.

Tomada da estrada de ferro que fazia a ligação entre as cidades de Curitiba e Paranaguá, que hoje faz parte de uma rota turística. Na época da tomada, fazia o escoamento da produção agrícola do estado. A tomada neste ângulo, aproveitando a curva da ponte, cria uma sensação de vertigem no espectador e sugere um frágil equilíbrio nos trilhos.

Tomada noturna do carnaval de rua de 1936 em São Paulo. Essa série foi feita para compor uma reportagem da revista *S.Paulo*. No entanto, nenhuma foto noturna foi utilizada pelo mensário em sua seleção.

Chegada do presidente Getúlio Vargas e de sua comitiva para evento no Jockey Clube. Essa fotografia provavelmente foi feita para a revista *Brasil Novo* no período em que, como funcionário do Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo, o fotógrafo permaneceu no Rio de Janeiro.

Considerações finais

Quando chegou ao Brasil em 1923, Preising já era um fotógrafo experiente. Aos 40 anos, a paixão pela profissão o acompanhava desde a infância. Uma vez aqui, ele aperfeiçoou sua técnica.

Buscamos nesse trabalho apresentar informações fundamentais para compreender o percurso que o fotógrafo traçou no Brasil e identificar situações que tenham se apresentado como determinantes para o seu modo de fotografar.

Seus registros, que no início primavam pela composição clássica, pela documentação de paisagens e da arquitetura regional, pela exposição das belezas naturais e atividade turística, tão atraentes aos olhos estrangeiros, foram ganhando ares modernos. A trajetória realizada em seu trabalho acompanhou movimento da sociedade, da imprensa e das publicações oficiais no Brasil nesse período.

A diversidade de formatos encontrados em seu acervo mostra-nos que Preising trocou de câmera muitas vezes. Parte considerável de seu trabalho foi realizada com as câmeras Leica e Contax; Preising, ao que tudo indica, contribuiu para popularizar o formato de 35mm entre os colegas fotógrafos de seu tempo. Este era o formato que oferecia maior agilidade e mobilidade ao espírito aventureiro do fotógrafo. Sua versatilidade em operar com câmeras de diferentes formatos era acompanhada pelo rigor técnico e um apurado senso estético que é marcante em toda a sua obra de documentação.

Ao optar pela sua naturalização como cidadão brasileiro, Preising não apenas buscava benefícios que esse teria, mas também se consolidava como parte de um projeto de governo e de imprensa para o Brasil. Mesmo em um contexto político conturbado, ele soube criar o espaço para divulgar seu trabalho. Suas imagens foram fundamentais ao projeto de propaganda do governo Vargas,

encabeçado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, ao contribuir para enfatizar a imagem do Brasil como um país moderno, em franco desenvolvimento, bem sucedido na sua produção agrícola, e afortunado pelas suas belezas naturais, que apontavam para um destino turístico promissor.

Suas fotografias levaram a imagem do Brasil para todo o mundo: através de exposições, folhetos turísticos, livros didáticos, cartões-postais. Mais que isso, suas fotos contribuíram para criar uma visão de Brasil para os próprios brasileiros. Preising talvez possa ser apontado como o sucessor mais próximo de Guilherme Gaensly em sua época, nos temas registrados e em sua maneira de trabalhar.

Fotógrafo inquieto, não hesitava subir a bordo de um avião em busca de uma foto inédita, como na ocasião em que registrou o sobrevôo do Zepellin em São Paulo, ou enfrentar o desconhecido, como fez ao documentar a colonização do Paraná, viajando por estradas recém-abertas e sem infraestrutura.

Preising se considerava repórter, jornalista, mais que um retratista. Era registrado no sindicato da classe e seu espírito de reportagem estava em buscar a foto perfeita, em correr atrás da informação, em trabalhar para revistas e jornais, em transformar cada imagem em um “furo” jornalístico.

Preising foi também um empreendedor, sempre em busca de novas oportunidades, novos contratos, novos contatos. Suas fotos geralmente eram marcadas pelo seu selo. Os postais mantinham a inscrição “direitos reservados”, como forma de proteger a identidade de seu trabalho, mesmo quando apresentava texto descritivo, seu monograma estava impresso no canto inferior direito.

Por todas essas razões, não acredito que sua maneira de fotografar fosse direcionada de acordo com o contratante, o veículo ou a Instituição para os quais trabalhava. Seu estilo próprio e sua

ampla experiência foram os fatores determinantes para a sua contratação em cada um dos momentos de sua trajetória. Preising se colocou como um fotógrafo de rara versatilidade e competência em seu tempo.

Ainda há muito para ser descoberto, certamente, acerca de sua trajetória e obra. Procurou-se aqui determinar os marcos de seu percurso que reafirmam a carreira de um viajante incansável. Por meio do material aqui levantado, da análise de seu *modus operandi* ao longo de suas missões profissionais, de seu pioneirismo técnico e da divulgação da imagem do país que ele realizou e, que, até o momento, era fato praticamente desconhecido. Ao lançar luzes sobre Theodor Preising, o homem e o fotógrafo, buscou-se, igualmente, contribuir para a história da fotografia no Brasil.

Referências

BIBLIOGRAFIA

Livros

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica. História da imprensa brasileira*. São Paulo, Ática, 1990, 2 vol.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 2 ed., Nova Fronteira, 1984.

BECHERINI, Aurélio. Aurélio Becherini. Textos: Rubens Fernandes Junior, Angela C. Garcia, José de Souza Martins. São Paulo; Cosac Naify, 2009.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da cultura de massa* 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BONI, Paulo César. *Fincando estacas!: A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens*. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BRANDÃO, Ana Maria (org.). *A revolução de 30 e seus antecedentes*. Rio de Janeiro: FVG; CPDOC; Nova Fronteira, 1980.

BRUNO, Ernani Silva. Almanaque de Memórias: reminiscências, depoimentos, reflexões. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA. São Paulo: 450 anos. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

CAMARGO, Mônica Junqueira; MENDES, Ricardo. *Fotografia: cultura e fotografia paulistana no século XX*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / Centro Cultural São Paulo; Divisão de pesquisas, 1992.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. *Os arautos do liberalismo. Imprensa paulista. 1920-1945*. São Paulo; Brasiliense, 1989.

_____. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a história), 1988.

_____; PRADO, M.L.C. *O Bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias Silenciadas. História da censura no Brasil*. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2002.

_____. *Brasil, um refúgio nos trópicos*. SP: Estação Liberdade, 1996.

_____; KOSSOY, Boris (orgs.). *Jornais confiscados pelo DEOPS 1924-1954*. SP: Imprensa Oficial; Arquivo do Estado; Ateliê Editorial, 2003.

CARNICEL, Amarildo. *O fotógrafo Mario de Andrade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CARONE, Edgard. *Da Esquerda à Direita*. Belo Horizonte: Editora Oficia do Livro, 1991.

_____. *Brasil: anos de crise. 1930-1945*, São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo*. Campinas: Mercado de Letras, 1997 (Coleção fotografia: texto e imagem).

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra*. São Paulo: Geração Editorial/Edusp, 2000.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. 2 ed. SP, Difel, s.d.

DUARTE, Benedito Junqueira. B.J. Duarte: caçador de imagens. Textos: Rubens Fernandes Junior, Michael Robert Alves de Lima, Paulo Valadares. São Paulo: Cosac Naify, 2007

DUARTE, Benedito Junqueira. *Crônicas da memória*. São Paulo: Massao Ohno –Roswith Kempf Editores, 1982

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FERRAZ, Vera Maria de Barros (org.). *Imagens de São Paulo. Gaensly no acervo da Light (1899-1925)*. SP: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001.

FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil 1840-1920*. 2ed., Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Funarte, 1985.

FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GERODETTI, João Emílio; CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo; a capital paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças*. SP: Studio Flash Produções Gráficas, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial. Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo*. São Paulo: Editora Marco Zero; CNPq, 1990.

KOSSOY, Boris. *Hercules Florence, a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *São Paulo, 1900*. São Paulo: Kosmos; CBPO, 1988.

_____. *Fotografia e história*. 2 ed. Revista, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3 ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício fotográfico no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

_____. Luzes e sombras da metrópole; um século de fotografia em São Paulo 1850-1950. PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, vol. II, pp. 387-455.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial; Fapesp, 2001.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo. De comunidade à metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.

NOBRE, Freitas. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Leia, 1950.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PERAZZO, Priscila F. *O perigo alemão. A repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 1999.

PRADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009.

RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Marina Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ZANINI, Walter. (org.). *História geral da arte no Brasil vol. 2*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. p. 867- 913.

Dissertações e teses

ALARCON, Daniela. *Diário Íntimo: a fotografia de Alice Brill*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008.

BONI, Paulo César. *O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo*. São Paulo, 2000. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.

CARVALHO, Rosana Maria. *Ernesto Leme na Reitoria da Universidade de São Paulo: uma análise preliminar de gestão*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco, campus Itatiba, 2006.

CARVALHO, Telma C. de. *Fotografia e cidade: São Paulo na década de 30*. Dissertação de Mestrado. Programa de estudos Pós-Graduados em História Social, PUC-SP, 1999.

_____. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. Tese de doutorado. São Paulo, 2005.

COSTA, Helouise. *Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1998.

GARCIA, Ângela Célia. *São Paulo em prata: a capital paulista nas fotografias de Aurélio Becherini (anos 1910-1920)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Paula Chrystina Scarpin. *Vale das rosas; Hildegard Rosenthal, pioneira do fotojornalismo no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2007

GOUVEIA, Sonia Maria Milani. *O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

PALMA, Daniela. *Arte e sobrevivência; a trajetória de Hans Gunter Flieg*. Dissertação de Mestrado. SP: Escola de Comunicações e Artes – Departamento de Jornalismo e Editoração; USP, 2003.

TAKAMI, Marina Castilho. *Fotografia em marcha: revista São Paulo – 1936*. Dissertação de mestrado – Programa Interunidades em estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2008

FONTES

Instituições

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Arquivo Nacional

Bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP

Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes/USP

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP

Instituto de Estudos Brasileiros/USP
Museu da Imagem e do Som de São Paulo

Relatórios

Relatório do Serviço de Recortes e Arquivo Fotográfico, 1943-1947, ordem de referências E06709 a E06787. Fundo DEIP- Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Arquivo público do Estado de São Paulo

Prontuários

Prontuário nº.25.986, Theodor Preising. DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo

Entrevistas e depoimentos

Depoimento de Benedito Junqueira Duarte concedido a Moracy de Oliveira, Máximo Barro, Hans Gunter Flieg e Boris Kossoy. Museu da Imagem e do Som, 14 mai.1981

Depoimento de Hildegard Rosenthal concedido a Moracy de Oliveira, Hans Gunter Flieg, Eduardo Castanho e Boris Kossoy. Museu da Imagem e do Som, 25 mai.1981

Depoimento de Hans Gunter Flieg concedido a Moracy de Oliveira, Fred Jordan, P. A. Nascimento, Eduardo Castanho e Boris Kossoy. Museu da Imagem e do Som, 1981

Depoimentos de Carlos Preising à autora

Depoimentos de Douglas Aptekmann à autora

Internet

MENDES, Ricardo. *Fotografia e modernismo: um breve ensaio sobre idéias fora de lugar*. www.fotoplus.com/rico , 25 ago.1996

Touring Club do Brasil. <http://www.touring.com.br/historia.php>, 25 maio 2010

Google Livros. <http://books.google.com.br>

<http://www.emploio.sp.gov.br/galeria/galeria.asp>, 25 maio 2010

JusBrasil <http://www.jusbrasil.com.br/diarios>, múltiplos acessos

Livros

AZEVEDO, Aroldo de. *Geografia humana do Brasil : para a terceira série secundário*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956

_____. *Monografias regionais: planos sumários para pesquisas de caráter geográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

_____. *Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva*. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1956.

AZEVEDO, Fernando de. *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil : ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar*. Rio de Janeiro : Instituto do Açúcar e do Alcool, 1948.

CARVALHO, Delgado de. *Geograph[i]a do Brasil*. Rio de Janeiro : F. Alves, 1930.

FERRAZ, Mario de Sampaio. *Campos do Jordão*. São Paulo: Directoria de Publicidade Agricola da Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio, 1941.

GOODWIN, Philip L. *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*. Nova York: Museu de Arte moderna, 1943.

HUNNICUTT, Benjamin Harris. *Brazil looks forward*. Rio de Janeiro : Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1945.

_____. *Brazil, world frontier*, New York : Van Nostrand, 1949.

HUNTINGTON, Ellsworth; BENSON, C. Beverley; McMURRY, Frank M.. *Living Geography: how countries differ*. New York: The Macmillan Company, 1932

THE AMERICAN ANUAL OF PHOTOGRAPHY vol. 64. Edited by Frank R. Fraprie and Franklin I. Jordan ST. Paul. American photographic Publishing Co, 1950.

TRAVEL IN BRAZIL, Brazilian representation New York World 's Fair 1939. Official Publication. Rio de Janeiro, 1939.

VIDAL, Armando. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1939: relatório geral*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

_____. *O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1940: relatório geral*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

Periódicos

BRASIL NOVO – ano III, fascículo VI, 1941.

CAMPOS DO JORDÃO. Cadernos de Turismo, nº 2. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1948.

EM GUARDA: PARA A DEFESA DAS AMÉRICAS – ano 1, nº 1 a 12, 1941/42; ano 2, nº 1 a 12, 1942/43; ano 3, nº 1 a 12, 1943/44; ano 4, nº 1 a 4, 1944/45.

ITANHAÉM. Cadernos de Turismo, nº 1. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1948.

NATIONAL GEOGRAPHIC Magazine - vol. 58, july-dec., 1930.

REVISTA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ – nº 64 a 158, Rio de Janeiro, 1933 a 1946.

S.PAULO – ano I, nº 1 a 10, 1936.

TRAVEL IN BRAZIL – vol. 1, nº 1 a 4, 1941; vol. 1, nº 1 a 4, 1942.

Anexo I - Documentos relevantes

Sindicato dos Jornalistas
de São Paulo

SINDICATO DOS JORNALISTAS
DE
SÃO PAULO

Matricula N.º 162 Carteira N.º 162

Nome Theodoro Preising

Jornal "Brasil Novo" Cargo Fotógrafo

Assin. do socio Theodoro Preising

SINDICATO DOS JORNALISTAS
DE
SÃO PAULO

(Reconhecido pelo Governo Federal, conforme despacho do Ministro do Trabalho, publicado no "Diário Oficial" da União, de 10 de Julho de 1937, pagina 14.856).

O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo
roga a todas as autoridades e particulares se
dignem dispensar ao portador desta Carteira de
Identidade as maiores facilidades e auxilio no
desempenho de sua missão profissional.

Le "Sindicato dos Jornalistas de S. Paulo"
prie toutes les autorités officielles et particulières
de bien vouloir accorder au porteur de ce Carnet
d'Identité toutes sortes de facilités dans l'accom-
plissement de sa mission professionnelle.

The "Sindicato dos Jornalistas de São Paulo"
requests all the official and private authorities to
grant the bearer of this Identity Card all pos-
sible facilities in the carrying out of his profes-
sional duties.

FOTOGRAFIA

POLEGAR DIREITO

CARTEIRA PROFISSIONAL N.º

SERIE

PRESIDENTE

SECRETARIO

DEPARTAMENTO ESTADUAL
DE IMPRENSA E PROPAGANDA
D. E. I. P.

Nome: *Theodor Preisling*

Data do nascimento: *3 de Janeiro*
de 1883

Filiação: *Fritz Preisling e*
Maria Preisling

Nacionalidade: *Alemã Naturali-*
zado Brasileiro, em Jan 1941

NOTAS CROMATICAS

Cutis: *Branca*

Olhos: *Azulados* Cabelos: *Castanhos*

Observações:

São Paulo, *5 de Jan* de 19*43*

[Signature]
Diretor Geral

POLEGAR DIREITO

Theodor Preisling
Assinatura do Funcionário

SECRETARIA DA JUSTIÇA
E NEGÓCIOS DO INTERIOR

CBACE/COADI

Fis. 12

Arquivo Nacional

S. J. J. J.
29.8.36.

São Paulo, 24 de setembro de 1936.

DJ/2/P.5270/NST/N. 19785

Sr. Director Geral.

Nat. 1290.936.

Transmittindo o processo de naturalização de THEODORO PREISING, natural da Allemanha e residente nesta Capital, communico a V. S., para o effeito do artigo 2º do decreto federal nº 2.004 - de 26 de novembro de 1908, que, segundo a informação de 21 do corrente mez, da Secretaria da Segurança Pública deste Estado, nada consta em desabono do requerente.

Tenho a honra de reiterar a V. S. os protestos de minha distincta consideração.

L. A. E. G. de

DIRECTOR GERAL

Ao sr. Victor Nunes, Director Geral da
Secretaria da Justiça e Negócios Interiores.

RIO DE JANEIRO.

9 despacho

Transmitte a Secretaria da Justiça e Negocios do Interior do Estado de S. Paulo, o processo de naturalização de Theodoro Freising, natural da Alemanha, nascido a 9 de janeiro de 1883, filho de Friedrich Freising e de Maria Freising, photographo, casado, tendo 3 filhos, residente naquella estado.

Todos os documentos exigidos por lei, foram apresentados pelo requerente.

O naturalizando satisfaz todas as exigencias legais.

Directoria do Interior - 1.^a Secção - 5-10-96

Joselia Marques de Oliveira - 3.^o Official

S. Exa. decidiu sobre -

naturalização do requerente, e em
cumprimento as exigencias legais
em 6-X-96.

Aphoby
Director do Interior

De accordo em 6-10-96

Victor Nunes, Director Geral

Aditamento - Com o Ofício n.º 2027, de 5 de agosto de 1939, o Diretor da Diretoria de Propaganda e Publicidade, do Estado de São Paulo, encaminha o pedido de naturalização, nos termos do decreto-lei n.º 1202, de Theodor Prinsing, fotógrafo daquela Diretoria. - O requerente poderá ser atendido no que requer. - Junto para ins, a respectiva minuta do decreto. - 2.ª Secção D.J.I. —

Rio de Janeiro, 23.12.1940. —

Alfama
 Placido, Encaminha
 minuta do decret. 23.12.40
 Visto em 23.12.40
 Paulo Botto

livre

Dec 4.2.41

Ofício n.º 8944, de 11/8/41

COAC/COADI

Fls. 30

Arquivo Decretal

Excellentissimo Senhor Doutor Vicente Ráo,
DD. Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores.

25.936.

THEODOR PREISING, natural de Hildesheim, Alemanha, filho legítimo de Friedrich Preising e D. Maria Preising, residente á rua Augusto Tolle nº 2, na Capital do Estado de São Paulo, solicita se digne Vossa Excellencia encaminhar os documentos juntos ao presente requerimento, ao Excellentissimo Senhor Doutor Presidente da Republica, afim de obter o seu titulo de naturalização de cidadão brasileiro.

Nestes termos,

P. E. Deferimento.

Theodor Preising
São Paulo 30. Maio 1936

ABELLONATO VEIGA
(Rua S. Bento, 7-A)

Assinatura
27 Junho 1936
São Paulo, 27 de Junho de 1936

Em test. da verdade

Guaril Dantas

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Estado de São Paulo

Comarca da Capital

TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE JURAMENTADO

MIGUEL OCOUGNE

Telephone, 2-6393

Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Russo, Polônez, Italiano, Hespanhol,
Rumeno, Hungaro, Lithuano, Dinamarquez, Esthoniano, Lettão, Hollandez,
Tcheco, Sloveno, Servio, Croata, Idish (Israelita)

Rua 15 de Novembro, 32 - Sobreloja

SÃO PAULO
BRASIL

Anno: 1936

N. VI / 12.060

Dia 2 de Maio de 1936

Documento : PASSAPORTE.-

FIRMA EM TODOS OS TABELLIONATOS

PAG. 2

Eu, MIGUEL OCOUGNE, Tradutor Público Juramentado pela Meritíssima Junta Commercial do Estado de São Paulo, Republica dos Estados Unidos do Brasil, certifico, que me foi apresentado um documento escripto em idioma a l l e m a o e a pedido da parte interessada o traduzi fiel e litteralmente para o idioma portuguez.-

A respectiva traducção diz o seguinte:

Reino da Allemanha.- Passaporte Nº 1698/237.g.-
 Nome do portador:- THEODOR PREISING.
 Cidadania - Prussiana.
 Caracteristicos:- Profissão - photographo.- Lo-
 gar e data do nascimento:- Hildesheim, 3 de
Janeiro de 1883 (Tres de Janeiro de Mil oitocentos
oitenta e tres).
 Domicilio - Berlim.- Estatura -
 media.- Rosto - oval.- Olhos - azues.- Cabellos -
 loiros escuros.-

(Traz o retrato do portador authenticado com o
 carimbo official).-

Este passaporte é válido para o Extrangeiro -
 (Argentina).-

Este passaporte expira em 21 de Abril de 1925.-

Concedido em Berlim em 21 de Abril de 1923.-

P. ordem do Chefe de Policia - (ass. ill.).-

(Consta o visto do Consulado Geral dos Estados
 Unidos do Brasil em Buenos Aires de 17 de Dezembro
 de 1923 sob o Nº 6601 e o carimbo da Immigração de
 Santos de 23 de Dezembro de 1923).-.....

NADA MAIS CONTINHA O REFERIDO DOCUMENTO QUE FIEL-
 MENTE TRADUZI E DOU FÉ.-

Isento de sello por se tratar de naturalização.-

São Paulo, 2 de Maio de 1926

Miguel Ocougne

9.º TABELLIONATO

Reconhecido e assinado

S. Paulo, 4 de Maio de 1926

Em test.º

da verdade

Escreveram autorizados

ATTESTADO PARA FINS DE NATURALISAÇÃO.

Eu, Claudio da Silva Guedes, Juiz de Paz em exercicio do districto de Sant'Anna, do municipio e comarca da Capital do Estado de São Paulo, dos Estados Unidos do Brasil.

ATTESTO para FINS DE NATURALISAÇÃO, o bom procedimento moral e civil do sr. THEODORO PREISING, allemão, casado, jornalista photographo, residente á rua Augusto Tolle, 2, neste districto de Sant'Anna.

Sant'Anna, 3 de junho de 1936.

O Juiz de Paz, em exercicio,

Claudio da Silva Guedes

(Claudio da Silva Guedes)

Firmado no 109 Tab.

DR. FERNANDO DE ALMEIDA NOBRE
8, Rua Floriano Peixoto
TEL. 2.0825 e 2.3653

10.º TABELLIONATO

Reconheço a *firma* *de* *S. Paulo, 4 de Junho de 1936*

Em test. *da verdade.*

LOIS A. N. CALDEIRA

TESTADO para FINS DE NATURALISAÇÃO.

Eu, Cláudio da Silva Guedes, Juiz de Paz em exercício do distrito de Sant'Anna, do município e comarca da Capital do Estado de São Paulo, dos Estados Unidos do Brasil.

CHANCELOAR

Assinatura do Juiz

ATESTO para FINS DE NATURALISAÇÃO que o senhor THEODORO PREISING, alemão, casado, de 53 annos de idade, natural de Hildesheim-Allemanha, photographo jornalista, filho de FRITZ PREISING e de MARIA PREISING, reside nesta Capital ha mais de doze annos, tendo chegado á hospedaria de Imigração aos 23 de dezembro de 1923 e residindo neste districto de Sant'Anna, ha mais de dez annos, sendo a sua residencia á rua Augusto Telle nº 2.

Sant'Anna, 3 de junho de 1936.

O Juiz de Paz, em exercício,

Cláudio da Silva Guedes
(Cláudio da Silva Guedes)

Firma no 10º Tab.

DR. FERNANDO DE ALMEIDA NOBRE
B. Rua Floriano Peixoto
TELS. 2-0825 e 2-3658

10.º TABELLIONATO

Reconheço a firma

de 30 annos

de S. Paulo, de 1924

Em test. da verdade

LUIS A. N. CALDEIRA

Excellentiſſimo Senhor Doutor Director do Forum Criminal.

Lin.
S. Paulo, 4.5.1936.
A. Almeida

THEODOR PREISING, natural de Hildesheim, Allemanha, desejando naturalizar-se cidadão brasileiro, solicita determine Vossa Excellencia, aos escrivães dos cartorios criminaes, attestar ao pé deste, si consta algum processo ou nota que desabone o requerente.

O requerente deixa de sellar a presente petição, visto ser a mesma para fins de naturalização.

Nestes termos,

P. E. Deferimento.

S. Paulo 4. Maio 1936

A Theodor Preising

TABELIONATO VEIGA
(Rua S. Bento, 5-A)

Reconheço a firma

S. Paulo, 5 de 5 de 1936

Em test.

da verdade

[Signature]
[Signature]

15229

27/11/39

COACE/COADI

Fls. 17

Arquivo

em 5 de Agosto de 1939.

Excelentissimo Senhor Ministro de Estado da Justiça e dos
Negocios do Interior,

Tenho a honra de enviar a Vossa Excelência, para os devidos fins, o requerimento em que THEODOR PREISING, de nacionalidade alemã, fotografo desta Diretoria de Propaganda e Publicidade do Palacio do Governo de São Paulo, nomeado por ato de 6 de Novembro de 1938, solicita de Vossa Excelência a sua naturalização como cidadão brasileiro, nos termos do artigo 40, paragrafo 3º, do Decreto -lei, 1.202, de 8 de Abril de 1939 e de conformidade com a portaria 2.108, de 6 de Julho ultimo, dêsse Ministerio.

Peço venia a Vossa Excelência para esclarecer que o interessado já tem o seu pedido de naturalização encaminhado a esse Ministerio, desde 1936.

Com as minhas expressões de respeito e simpatia, subscrevo-me de Vossa Excelência, admirador obrdo.,

Menotti del Picchia
Menotti del Picchia
DIRETOR

"SÃO PAULO"
MENSARIO EM ROTOGRAVURA

DIRECÇÃO:

CASSIANO RICARDO
MENOTTI DEL PICCHIA
LEVEN VAMPRE

REDACÇÃO:

TRAV. DO COMMERCIO, 3
2.ª SOBR., SALAS 6, 7, 8
TELEPHONE: 2-3677

CAPITAL PAULISTA, 2 de Junho de 1936

A T T E S T A D O

Attestamos que o Sr. THEODOR PREISING, é funcio-
nario deste mensurio, e exerce nelle a sua profissão de ar-
tista fotografo, percebendo um ordenado mensal de Rs.-----
2:000\$000 (Dois contos de reis).

O presente attestado, é para fins de naturaliza-

a). p.p. mensario São Paulo
~~Angelo~~ Novi

DELONATO VEIGA
(Rua S. Bento, 5-A)

is, conheço a firma de João de Deus
de João de Deus
S. Paulo, de 1936

Em test.^o

da verdade

Em. Jac. 1851.

COACE/COADI

Fis. 19

Arquivo Nacional

ATESTADO

ATESTO, para os devidos fins, que o Senhor THEODOR PREISING, fotografo desta Diretoria de Propaganda e Publicidade do Palácio do Governo, está prestando serviços desde 6 de Novembro de 1938, data em que foi nomeado.

São Paulo, 5 de Agosto de 1939.

Arguente Nacional

Excelêntissimo Senhor Ministro de Estado dos Negocios da
Justiça,

THEODOR PREISING, de nacionalida-
de alemã, filho de Fritz Preising e de d. Maria Preising,
casado, nascido no dia 3 de Janeiro de 1883, residente no
Parque Jabaquara, a rua do Cedro 130, nesta Capital, fo-
tografo da Diretoria de Propaganda e Publicidade, nomea-
do por decreto de 6 de novembro de 1938, residente no
país desde 24 de dezembro de 1923, desembarcado no por-
to de Santos, pelo vapor "Cap Polonio", tem a honra de
solicitar a Vossa Excelencia a sua naturalização, como
cidadão brasileiro, nos termos do artigo 40, paragrafo
3º, do decreto-lei 1.202, de 8 de abril de 1939 e de a-
côrdo com a portaria 2.108, de 6 de julho ultimo, deesse
Ministerio.

Nestes termos

P. Deferimento

Santos, 27 de Agosto 1939
Theodor Preising
Paulo S. Veiga
Theodor Preising
Paulo S. Veiga
2000
BRASIL
TESOURO NACIONAL
5 DE 8
DE 1939
1939-1941

TABELIONATO VEIGA

(S. PAULO - RUA S. BENTO, 41)

Recebeu a firma

27 de Agosto de 1939

Em test.

da verdade

1 J. N. I. - S. E. - DIRETORIA DA JUSTIÇA E DO INTERIOR

COACE/COADI

Fis. 21

Arquivo Especial

DJI/2a.S/T-15229-39/N. 8944 Em 11 de agosto de 1941.

Senhor

Diretor,

À vista do disposto no item V da portaria n. 2.198. de 6 de julho de 1939, e em referência ao ofício n.

2027, de 5 de agosto de 1939,

o incluso decreto, datado de

4 de janeiro de 1941,

em virtude do qual foi concedida naturalização, na conformidade dos §§ 2.º

e 3.º do decreto-lei n. 1.202, de 8 de abril de 1939, a

THEODOR PREISING,

, que exerce as funções

de

Fotografo desse Departamento.

Aproveito a oportunidade para apresentar-vos os meus protestos de perfeita estima e distinta consideração.

Paulo Motta

XXXXXXXXXX

Augusto César Lobo,

Ao Senhor Doutor Candido Motta Filho, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do ESTADO DE SÃO PAULO.

Anexo II – O acervo

A quase totalidade da obra de Theodor Preising encontra-se sob guarda de seu bisneto Douglas Aptekmann, que utiliza as imagens para finalidades comerciais, na decoração de ambientes.

O acervo esteve primeiro sob a guarda de Sibile Preising, após seu falecimento, ele passou aos cuidados de seu irmão Carlos Preising, que o transferiu, em vida, ao neto Douglas.

A coleção conta com cerca de 15 mil imagens acondicionadas em um armário e um baú em 28 caixas de isopor de 17,5 cm X 22 cm X 13 cm, em processo de organização e conservação.

A partir de uma ficha iconográfica terá início o trabalho de catalogação das imagens. Os descendentes pretendem digitalizar em alta resolução todas as fotografias, além de substituir as caixas de isopor por caixas confeccionadas em papel de pH neutro. Após esse processo, o objetivo é que negativos não precisem ser manipulados visando a sua melhor conservação.

Código da foto	Caixa	Formato	Técnica	Características	Estado de conservação
Local	Ano	Tema	Descrição	Anotações originais	Publicação
Observações					

A tabela a seguir apresenta um levantamento preliminar deste acervo. As fotografias foram separadas por locais de tomada, pelos formatos utilizados em cada local e apresentam a quantidade de imagens referentes ao tema.⁷⁵

⁷⁵ Tal tabela foi elaborada a partir de um documento fornecida pela família respeitando as grafias e informações ali fornecidas.

Tema	Formatos	Nº de fotos
<p>São Paulo – capital (Vistas panorâmicas e aéreas parciais e cenas do cotidiano paulistano, tais como: Bairro do Ipiranga, Museu do Ipiranga, Parque do Anhangabaú, Praça Ramos de Azevedo, Teatro Municipal, Praça do Patriarca, Edifício Martinelli (em construção), Edifício Martinelli (construído), Basílica de São Bento, Praça da República, Praça da Sé, Largo de São Bento, Instituto Butantã, Rua Direita, Estação da Luz, Hotel Esplanada, Rua XV de Novembro, Viaduto do Chá, Palácio do Governo e Monumento da Fundação da Cidade de São Paulo, Largo do Paissandu, Consolação, Avenida Angélica, Praça Marechal Deodoro, Pátio do Colégio, Rua São Bento, Rua Boa Vista, Rua Marconi, Rua Líbero Badaró, Avenida Paulista (Trianon), Praça do Correio, Correio Geral, Avenida São João, Parque da Água Branca, Largo Carlos Gomes, Santa Efigênia, região da 25 de março, Largo do Tesouro, Parque D. Pedro II, Avenida Brasil (carro de corrida), Prédio Banespa, Faculdade Paulista de Medicina, Inauguração do Estádio do Pacaembu, Inauguração da Bolsa de Valores de São Paulo, Embarcações nos Rios Tiete e Pinheiros, Túnel Nove de Julho, Serra da Cantareira, Clube Germânia (atual Pinheiros), Carnaval nas ruas de São Paulo, Palacetes em construção (centro), Faculdade São Francisco, desfiles militares e outras.</p>	<p>18cm X 24cm, 10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm</p>	<p>1158</p>
<p>Imigrantes Europeus, Asiáticos e Migrantes (chegada ao Porto de Santos e traslado até hospedaria, atual Memorial do Imigrante)</p>	<p>35 mm</p>	<p>172</p>
<p>Clube Germânia</p>	<p>35 mm</p>	<p>261</p>
<p>Ribeirão Preto – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)</p>	<p>10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 13cm X 18cm</p>	<p>45</p>

Itanhaém – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 6cm e 35mm	279
Guarujá – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 6cm e 35mm	134
Santos / São Vicente – SP (Inclui, Porto Marítimo de Santos) (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	18cm X 24cm, 10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	334
São Sebastião – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	6cm X 6cm, 35mm	50
Itu – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	3
Bertioga – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	1
Ilha Bela – SP (Vistas panorâmicas e aéreas, paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas do centro, comércio, construções, hotéis, teatros, igrejas, monumentos, e o cotidiano da cidade e seus habitantes.)	6cm X 6cm, 35mm	7
Graf Zeppelin (1933) (Dirigíveis - Sobre São Paulo e Santos)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	7
Carros de boi – MG	10cm X 15cm, 9cm X 13cm e 35 mm	12

Caminho do mar - SP (Inclui, Construção da Via Anchieta, Transporte pioneiro em coletivos São Paulo / Santos)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	178
Estrada de ferro Railway - São Paulo / Santos (Inclui, Inauguração do Cometa SPR-25/06/34, Oficinas e Estações da Railway)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	170
Campos de Jordão – SP	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	239
Araraquara – SP	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	30
Piracicaba – SP	9cm X 13cm	39
Aguas da Prata – SP	6cm X 9cm	18
Estado do Rio de Janeiro (Vistas panorâmicas e aéreas parciais e cenas do cotidiano carioca e fluminense, tais como: Avenida Rio Branco, Teatro Municipal, Palácio Monroe, Jóquei Clube, Vistas Corcovado, Pão de Açúcar, Bairro de Sta. Tereza, Glória, Jardim Paris, Cristo Redentor, Ipanema, Copacabana, Botafogo, Laranjeiras, Botânico, Flamengo, Praia Vermelha, Vista da Tijuca, Rua Paissandu, Avenida Niemeyer, Gávea, Lagoa Rodrigo de Freitas, Ilha das Cobras, Ilha de Paquetá, Urca, Canal do Mangue, Porto, Passagem do Graf Zeppelin e pouso no Campo dos Afonsos, e mais paisagens litorâneas e interioranas, principais ruas, comércio, construções, hotéis, igrejas, monumentos, e outras de Niterói, Cabo Frio, Petrópolis, Teresópolis, Itaipava, Nova Friburgo, estrada Petrópolis / Minas, Arariama (Salinas), Cabo Frio (Salinas))	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	1337
Vila Velha – ES	10cm X 15cm, 9cm X 13cm e 35 mm	15
Lambari – MG	35 mm	27
Poços de Caldas – MG	6cm X 6cm	139
Ouro Preto – MG	6cm X 9cm e 35mm	613

Curitiba – PR (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm	126
Foz do Iguaçu – PR (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	30
Vila Velha – PR (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	31
Ponta Grossa – PR (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	23
Guaíra - PR (Sete quedas) (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	21
Paranaguá – PR (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	37
Joinville – SC (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	30
São Francisco do Sul – SC (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	7
São Bento do Sul – SC (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	3
Marcelino de Ramos – RS (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	9cm X 13cm	14
Uruguaiana – RS (Vistas panorâmicas, paisagens, principais ruas, comércio, igrejas, monumentos, colonização, construções de estradas de rodagem, ferrovias, portos e outras)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	22

Estrada de ferro - Curitiba / Paranaguá	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm	92
Rio Paraná (Inclui Cataratas, transportes fluviais)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	284
Colonização de estado do Paraná (Inclui acampamentos dos colonos, abertura de estradas, surgimento de povoados, costumes, carros de boi, garimpos e transportes)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm	237
Rio Paraná (Fauna)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm	66
Índios Tucanos e Carajás	10cm X 15cm, 9cm X 13cm e 35 mm	46
Ruínas de San Inacio – RS	10cm X 15cm, 9cm X 13cm	27
Fauna e Flora (Rio Paraná)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm	46
Norte / nordeste (Viagem navio, início da década de 30, passando por Salvador, Recife, Belém, Manaus e outras))	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm e 35mm	308
Agricultura (Interior dos estados de São Paulo e Paraná) (cultivo, colheita, transportes, máquinas agrícolas, fazendas de café, algodão, cana de açúcar, juta, laranja, bicho da seda, uva, escola agrícola, cotidiano dos agricultores, exportações, navios, porto de Santos)	18cm X 24cm, 10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	7792
Não identificadas (cidades, litorais, paisagens)	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm, 6cm X 6cm e 35mm	153
Caminhões	35mm	24
Aviões	35mm	14
Navios de guerra	6cm X 6cm	8
Embarcações variadas	6cm X 6cm e 35mm	11

Políticos	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 6cm e 35mm	15
Pescadores	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 6cm, 6cm X 9cm e 35mm	48
Dirigível Hindenburg (1936 - SP)	35mm	42
Belezas naturais	10cm X 15cm, 9cm X 13cm, 6cm X 9cm	24
Obras Estrada	6cm X 6cm	2
Indústrias desativadas (não existentes)	9cm X 13 e 35mm	210
Total geral		15061

Anexo III – O repórter fotográfico

A seguir a transcrição de um documento constante da pasta E11684, identificada como contendo folhas de frequências de funcionários no acervo do DEIP/SP, armazenado no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Nele, os fotógrafos do Departamento de Imprensa e Propaganda vêm requerer a criação da carreira de repórter fotográfico e reajuste salarial condizente com as novas funções.

São Paulo, 22 de março de 1948

Exmo Snr. Dr. Ademar de Barros

M. D. Governador do Estado de São Paulo.

Exmo Snr:

Os signatários deste, fotógrafos a serviço do Estado, da classe "I", trabalhando em reportagens fotográficas na Agência Nacional, do Departamento Estadual de Informações, pedem licença para dirigir-se a V. Excia., para expor e solicitar o seguinte:

Os serviços jornalísticos ou de propaganda, quer através da imprensa ou do cinema, não podem jamais dispensar a atividade do técnico fotográfico. Sem isto, o noticiário não se afirma, a informação convence menos. Desta forma, no setor da imprensa e propaganda, o fotógrafo se transformou em repórter, porque saltou do Laboratório para a faina de surpreender e localizar com habilidade e rapidez, os acontecimentos que merecem pronta divulgação. Expõe-se, assim, o fotógrafo, tanto quanto o repórter de noticiário, às dificuldades da função e mesmo aos perigos que alguns casos oferecem.

O fotógrafo em reportagem, colaborando ativamente na complementação do noticiário, passa a ser parte integrante da apresentação publicitária e distingue-se do fotógrafo simplesmente retrarista que só trabalha em seu atelier ou esporadicamente em serviço de encomenda prévia.

O repórter-fotógrafo obedece a uma rotina diária em que se conjugam a atividade externa e a de Laboratório, da mesma forma como acontece com o repórter de noticiário que transforma na redação (como num laboratório) o material adquirido na pesquisa externa.

Essa identificação técnica entre o repórter de noticiário e o repórter - fotógrafo foi reconhecida quando, antes da última Lei que beneficiou melhor os redatores da Agência Nacional, lotados os fotógrafos na classe "I", o

(2)

redator e era na classe imediatamente superior, com diferença de vencimentos que iam pouco além de trezentos cruzeiros.

Com a última Lei, o cargo de redator (em que se incluiu o de repórter) foi lotado na classe "P", permanecendo, entretanto, o repórter-fotógrafo na classe antiga, o que estabeleceu disparidade de vencimentos bem acentuados, pois, enquanto o repórter-fotógrafo permanece na base de Cr\$1.500,00 (mil e quinhentos cruzeiros), o redator ascende a Cr\$4.500,00 (quatro mil e quinhentos cruzeiros).

É justo, Sr. Governador, que o repórter-fotógrafo seja lotado em classe que restabeleça o antigo equilíbrio, desde que a atividade de redator e repórter-fotógrafo não se modificou, tanto particularmente como em suas relações de trabalho.

Resolva, assim, os signatários, apelar para V. Excia., no sentido de encaminhar à Câmara Legislativa Estadual, um projeto de Lei, na base do esquema anexo, no sentido de ser criado o cargo de repórter-fotógrafo, aumentado o padrão e aproveitados os elementos que atualmente, por qualquer forma, prestam serviços no dito setor ou a eles estejam ligados.

Esperando da generosidade de V. Excia. atenção a este memorial, subscrevem-se sumamente agradecidos,

Avelino Ginjo
Roberto Manente
Miguel Mafalde
Lourival Thomaz Fernandes
Theodoro Preiging
Raul Ginjo
Mário Taiani
Rubens Rodrigues Pinheiro
Augusto Corrêa Filho
Miguel Poli

E.C.

(3)

Art. 1º) Fica criada e incluída na Tabela III, da Parte Permanente do Quadro Geral, criado pelo Decreto Lei n. 14.138, de agosto de 1944, a carreira de REPORTER-FOTOGRAFO, com a organização e os vencimentos constantes da tabela anexa à presente Lei.

Art. 2º) Ficam transferidos para a carreira de REPORTER-FOTOGRAFO, e com vencimentos enquadrados na classe "TV7" (sete) cargos de FOTOGRAFO, classe "I", QG-PP-III, cujos ocupantes trabalham nos serviços de reportagem fotográfica do Laboratório Fotográfico, da Agência Nacional, do Departamento Estadual de Informações: 1 (um) cargo de FOTOGRAFO, classe "I", QG-PP-III, cujo ocupante exerce também as funções de redator das legendas e no serviço de revelação das fotografias, na parte da manhã, no Laboratório e Arquivo Fotográfico da Agência Nacional, do Departamento Estadual de Informações, e 1 (um) cargo de FOTOGRAFO, classe "I", QG-PP-III cujo ocupante, em caráter interino, exerce as funções de encarregado do Album de Fotografias, redação de legendas e no serviço de revelação de fotografias, no Laboratório Fotográfico e Arquivo da Agência Nacional do Departamento Estadual de Informações, na parte da tarde.

Art. 3º) Fica transferido para a carreira de REPORTER-FOTOGRAFO, e com vencimentos enquadrados na classe "T", um cargo de REVISOR AUXILIAR, classe "H", QG-PP-III, cujo ocupante vem exercendo as funções de reporter-fotógrafo junto ao Palácio do Governo.

Art. 4º) Os títulos dos funcionários beneficiados pela presente Lei, serão apostilados pelo Diretor Geral do Departamento Estadual de Informações, e competentemente averbado pela Secretaria da Fazenda.

Art. 5º) A presente Lei, entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

E.C.

(3)

Art. 1º) Fica criada e incluída na Tabela III, da Parte Permanente do Quadro Geral, criado pelo Decreto Lei n. 14.138, de agosto de 1944, a carreira de REPORTER-FOTOGRAFO, com a organização e os vencimentos constantes da tabela anexa à presente Lei.

Art. 2º) Ficam transferidos para a carreira de REPORTER-FOTOGRAFO, e com vencimentos enquadrados na classe "TV7" (sete) cargos de FOTOGRAFO, classe "I", QG-PP-III, cujos ocupantes trabalham nos serviços de reportagem fotográfica do Laboratório Fotográfico, da Agência Nacional, do Departamento Estadual de Informações: 1 (um) cargo de FOTOGRAFO, classe "I", QG-PP-III, cujo ocupante exerce também as funções de redator das legendas e no serviço de revelação das fotografias, na parte da manhã, no Laboratório e Arquivo Fotográfico da Agência Nacional, do Departamento Estadual de Informações, e 1 (um) cargo de FOTOGRAFO, classe "I", QG-PP-III cujo ocupante, em caráter interino, exerce as funções de encarregado do Album de Fotografias, redação de legendas e no serviço de revelação de fotografias, no Laboratório Fotográfico e Arquivo da Agência Nacional do Departamento Estadual de Informações, na parte da tarde.

Art. 3º) Fica transferido para a carreira de REPORTER-FOTOGRAFO, e com vencimentos enquadrados na classe "T", um cargo de REVISOR AUXILIAR, classe "H", QG-PP-III, cujo ocupante vem exercendo as funções de reporter-fotógrafo junto ao Palácio do Governo.

Art. 4º) Os títulos dos funcionários beneficiados pela presente Lei, serão apostilados pelo Diretor Geral do Departamento Estadual de Informações, e competentemente averbado pela Secretaria da Fazenda.

Art. 5º) A presente Lei, entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

E.C.

TABELA ANEXA A QUE SE REFERE O ARTIGO 1º, DA LEI.....

DE.....DE.....DE 1 94....

Nº de cargos	DENOMINAÇÃO	Padrão ou Letra	LOTADOS	VAGOS	EXCEDENTES	OBSV
2	REPORTER-FOTO- GRAFO	T	10	-	8	
3		S	-	3	-	
4		R	-	4	-	
5		Q	+	5	-	
6		P	-	6	-	
<u>20</u>			<u>10</u>	<u>18</u>	<u>8</u>	

COPIADO POR *Enrique Cordeiro*

CONFERIDO POR

Adria A. Silva
CELIA NASCIMENTO DO VAL
Chefe de Seção

SECÇÃO DO EXPEDIENTE E PESSOAL, em 6 de abril de 1 948

E.C.

Anexo IV – Reproduções dos trabalhos de Theodor Preising

Cadernos de turismo, nº 1 – Itanhaém, Departamento Estadual de Informações

MONUMENTO A ANCHIETA

Contemporaneamente existiu, duas léguas a oeste, no meio da Praia de Perube, entre os rios d'Assa nome e o Itanhaem, incipiente povoação também denominada N. Senhora da Conceição de Itanhaem, a qual, mais tarde — para evitar confusão de nomes — passou a chamar-se São João ou São João Batista de Perube e hoje é conhecida por Aldeia Velha, dela não restando mais que vestígios da Igreja e residência dos jesuítas, provavelmente fundadas pelo Padre Leonardo Nunes, o Abarebê — padre que vós como o chamavam os indígenas em alusão à presteza com que se transportava de um lado para outro do litoral. Contudo, diz o padre Serafim Leite, S.J., que no século XVI não existiu nenhuma residência fixa dos jesuítas em Itanhaem ou Perube.

Até a sua expulsão, no século XVIII, foram os jesuítas que mais ocuparam dos trabalhos de catequização dos indígenas "itanhaens", ficando a passagem dos missionários da Companhia de Jesus assinalada indelévelmente na tradição local. Entre esses missionários contaram-se Nóbrega e Anchieta. No século XVII vieram os franciscanos, a quem se deve a construção do convento ao lado da ermida de N. S. da Conceição de Itanhaem.

A pequena povoação foi elevada a vila no ano de 1861, por provisão do Capitão-Mór Francisco de Moraes, loco-tenente do donatário Martin Afonso, governador da Capitania de São Vicente. Frei Basílio Rover, o. f. m., em suas "Páginas de História Franciscana do Brasil", aduz, entretanto, documentos que testemunham que o Capitão Francisco de Moraes foi o fundador da vila "apenas por comissão", sendo verdadeiro fundador Pedro Martins Namorado, o conquistador das terras de Itanhaem.

RUÍNAS DO CONVENTO

Não cabe nos limites deste Caderno a análise de todas essas controvérsias, que vêm mais ainda ressaltar a importância histórica de Itanhaem.

O certo é de que para diante aclarar-se os caminhos do pesquisador é que o século XVII, após as primeiras lutas e dificuldades do povoamento, marcaria a idade áurea da Vila de Itanhaem.

Assim, em 1624, no decorrer do famoso litígio entre os Vimieiro e Monsanto, essa localidade obteve o predomínio de cabeça de capitania. A Condessa de Vimieiro, sucessora legítima de Martin Afonso, em vista de ter sido destituída da Vila de São Vicente e de uma parte de sua donatária, por seu primo irmão o Conde de Monsanto, transferiu para a Vila de Itanhaem a sede da vasta donatária de Martin Afonso de Souza, com o título de Capitania de Itanhaem, sendo seu primeiro governador o Capitão João de Souza Fogaça. Como consequência a localidade, agora uma pequena capital, e

A IMAGEM DA CONCEIÇÃO

toda vasta região a ela subordinada, tomaram a denominação de Capitania de N. S. Conceição de Itanhaem, estendendo-se a sua jurisdição desde Cabo Frio, ao Norte, até Paranaguá, ao Sul, bem como sobre as Vilas de São José dos Campos, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e às povoações criadas nessa época nas lavras de Minas Gerais. Na sede da Câmara Municipal de Itanhaem, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, existe uma placa comemorativa do III Centenário da Capitania de Itanhaem, inaugurada em 1924.

Itanhaem gozou de tão elevada prerrogativa durante nada menos de cento e cinquenta e seis anos, que constituíram as páginas áureas de sua história. Foi durante a sede da Capitania que aí vieram se estabelecer os franciscanos, que ajudados pelo povo, edificaram o já citado convento, que foi, no passado, um dos principais de sua Ordem no Brasil, conforme se infere das crônicas franciscanas e é hoje, muito justamente, considerado Monumento Nacional.

Em 1771 ou, segundo Calisto, 1791, deixou de existir legalmente a referida Capitania. Itanhaem conheceu então o seu período de decadência, de que só recentemente se libertou.

TOPONOMIA

Conceição de Itanhaem passou a se chamar Itanhaem, apenas pela lei n.º 1021, de 6 de novembro de 1906. Conceição de Itanhaem é um hibridismo lusonheengatú, igual a numerosos outros que denominam municípios paulistas. Itanhaem (I-tá-nhaên): Bacia, alquidrar ou panela de ferro ou pedra. De Itá, ferro, o que é duro, metal, etc. Nhaên ou Nhas: vaso, bacia, prato

panela, alquidrar, tacho. No "Vocabulário da Língua Brasileira", manuscrito português-tupí do século XVII, coordenado e prefaciado pelo professor Plínio Alroa, encontra-se: "Bacio, ou bacia de estanho — Itanhaem; bacia qualquer (ou preto); Nhaên". Von Martins, registrando o vocábulo, diz: "Bacia de pedra ou pedra que são". João Mendes de Almeida, em seu "Dicionário Geográfico da Província de S. Paulo", anotando o termo, dá-lhe as seguintes definições: "1.º — Itanhaem: conchas amontoadas à foz; 2.º — Muitos canais".

O MUNICÍPIO

Itanhaem foi elevada a município por Carta Régia de 20 de outubro de 1700. Além da sede, compreende o distrito de Itariri e várias estações da Estrada de Ferro Sorocabana. Limita-se com Iguape, Maracatú, Itapeverica, da Serra, S. Paulo e S. Vicente. A superfície é de 1.398 km², sendo a população calculada em cerca de 16.000 almas, das quais mais de 1.000 na sede. Pertence à comarca de Santos. É sede de paróquia, sob a invocação de N. S. da Conceição, e pertence à diocese de Santos, desde a criação desta. A ereção canônica data de 1861.

O município é em geral plano, situado a poucos metros acima do nível do mar, abrangendo, porém, suas divinas contrafortes e ramificações da Serra do Mar, as quais recebem as denominações de Serres ou Morros de Guapurú-quassá, Guapurá-mirim, Mongegua, Piraira, Costão de Pernambuco (ou de Parambuco), Perube e Una. O clima é mais suave que o de Santos.

Os rios principais, são o Jacaré-paguá, o Branco (à foz do qual se situa a povoação), o Manuhú, o Preto, o Agupêhú e o Itanhaem.

COROA DE OURO DE N. S. DA CONCEIÇÃO

ALTAR DE SANTO ANTONIO (Igreja do Convento)

A MATRIZ DE SANTANA

O Oesano banha a parte meridional do município, mas, nesse trecho da costa, não oferece possibilidade à atracação de embarcações de maior calado. Pequenos portos naturais, marítimos e fluviais, servem ao intercâmbio local com o Porto de Santos e os do litoral Sul.

Ao Sul há três ilhas de pouca importância, a maior das quais, a Ilha Grande do Guarahú serve de abrigo à pescadores. Tem bom porto e excelente água potável. Em frente ao município, a 25,4 quilômetros, está a Ilha de Lage; a 79,2 a Queimada e a 39,6, a Redonda.

Arroz, banana, hortaliças e cana de açúcar são os principais produtos agrícolas do município. Há desenvolvido comércio de lenha e madeiras. Possui vários pequenos estabelecimentos industriais. É região de pesca, tanto marítima como fluvial.

Itanhaem dispõe de luz elétrica e água encanada. Os estabelecimentos comerciais, na sede, são em número de pouco mais de 60, inclusive três hotéis, cujas diárias individuais variam de Cr\$ 50,00 a Cr\$ 70,00.

Na Prefeitura há uma pequena Biblioteca Pública e a Biblioteca Benedito Calisto com cerca de 400 volumes. À praça Cel. Carlos Botelho ergue-se o monumento a Anchieta, trabalho notável do escultor Luiz Morrone. Possui dois grupos escolares (um na sede e outro no distrito de Itaipira) e várias escolas isoladas, estaduais e municipais. Conta com as seguintes repartições do Estado: Colônia, Posto de Saúde, Posto de Puericultura e Serviço de Imigração e Colonização. Repartições Federais: Colônia e Agência Postal-Telegráfica. Dispõe, também, do serviço telegráfico da E. F. Sorocabana.

FILHOS ILUSTRES

Benedito Calisto, pintor e historiador dos mais ilustres que S. Paulo tem tido, é filho de Itanhaem, onde nasceu a 14 de outubro de 1853. Faleceu em S. Paulo, à rua Ministro Godoi, 77-A, em 31 de maio de 1927, e foi sepultado em Santos, no cemitério do Paquetá, em túmulo perpétuo oferecido pela municipalidade santista.

Apasionado pela história de sua cidade natal, tanto quanto o era pela sua vocação de artista, Benedito Calisto legou-nos valiosos livros essenciais à reconstrução do passado não só de Itanhaem como da vasta região brasileira, de Cabo Frio a Paranaguá, do litoral às lavras de Minas, abrangida pela antiga capitania da Condeza de Vimieiro.

Publicou, entre outros volumes: "Capitanias Paulistas", que no dizer de Afonso de Taunay "representará sempre um belo edifício das letras históricas de S. Paulo"; "Vila de Itanhaem"; "Vila de São Vicente"; "As fortificações do Porto de Santos"; "Memória histórica sobre a igreja e o convento da Imaculada Conceição de Itanhaem", etc..

CRUZEIRO

Outro filho ilustre de Itanhaem, que honrou não sómente a sua terra natal, mas a Ordem Franciscana, é Frei Antonio de Santa Mafalda, no século Antonio José Ferreira, nascido em 1780. Fez com grande brilho os estudos sacerdotais, ordenando-se em 1799 ou 1800, com apenas 20 anos de idade. Foi "Presidente", isto é, substituto do guardião, no convento de sua terra natal, e mais tarde (1813), guardião, sendo eleito várias vezes até 1818. Definidor da Mesa, Padre da Província, Substituto do Provincial e mais tarde Provincial no Brasil, deixou bastas provas do seu fervor religioso e, em vários escritos, eloquentes testemunhos de sua inteligência. Era camonista emérito. Muito lhe deveu a conservação do convento de Itanhaem.

CURIOSIDADES HISTÓRICAS

Além de suas belezas naturais, um patrimônio histórico de real valor é o

grande atrativo turístico de Itanhaem. Recordemos, em síntese, quais os locais da risonha cidade praiana onde a evocação do passado constitui, sempre, um retrato dos tempos idos que ali se conserva para a posteridade.

A ERMIDA DE N. S. DA CONCEIÇÃO

— A Ermida de N. S. da Conceição e o convento anexo são os mais vetustos monumentos históricos de Itanhaem. A ermida data dos primórdios da povoação, talvez de 1534. Demora-se num outeiro, de regular altura, a cavaleiro da localidade. A ermida serviu longos anos de matriz e por isso, a seu lado, existiu uma casa para o vigário. Segundo a intenção de Namorado, relata Frei Basílio Rower, a Vila devia erguer-se no próprio outeiro, mas foi transportada para baixo, por não ser o terreno suficiente. Entretanto, a ermida continuou como matriz até depois de 1639, quando se iniciou a construção da matriz de Santana.

CAMA DE ANCHIETA

A IMAGEM DA CONCEIÇÃO E OUTRAS RELÍQUIAS — Tornou-se célebre a pequenina igreja, já no século XVI, devido à imagem miraculosa que nela se venerava. Segundo a narrativa que se lê nas "Memórias da Conceição", a imagem foi construída por um português, Gonçalo Fernandes, que condenado à morte em São Vicente, apelou para a Bahia. Enquanto aguardava a decisão do recurso, pediu ao carcereiro barro e água, com o que fundiu várias imagens, sendo uma de N. S. da Conceição. Ao terminar o seu trabalho, veio ordem da Bahia para que não o enforcassem. Solto e livre, o antigo condenado cercou de toda a veneração o piedoso trabalho de suas mãos. Foi essa mesma imagem — que ainda se pode ver no altar-mór da igreja do outeiro — que Francisco Nunes, mais tarde, trouxe às costas para Itanhaem. Embora conhecida por N. S. da Conceição, não está a imagem representada

como de costume, mas com o Menino Jesus nos braços. Dizem os documentos que o povo lhe deu esse título "por vocação da Vila".

As imagens que ali se veneram, com exceção da Padroeira, mais antiga, datam pelo menos de trezentos anos. É o caso das que estão nos nichos laterais do altar-mór e nos altares laterais, dedicados a São Francisco e Santo Antônio, os dois maiores Santos franciscanos. O púlpito é também tri-secular. Dá-se prego Monte Alverno. A maior riqueza do templo é a coroa de ouro de N. S. da Conceição, feita do primeiro ouro extraído das minas do Rio Ribeira (município de Iguape) e doada por um devoto. É cravejada de brilhantes. Possui, também, antiquíssimo ostensório, feito de ouro e prata, em fino trabalho de talha.

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO — Data de 25 de Janeiro de 1640 a chegada dos franciscanos a Itanhaem, já então

PLANTA DE ITANHAEM

VISTA GERAL

UMA RUA

RESIDÊNCIA MODERNA

TERRAÇO NA PRAIA

sede de capitania. Vieram os frades menores chefiados pelo Padre Custódio, Frei Manoel de Santa Maria. A ermida era por esse tempo administrada pelo ermitão Pedro Gonçalves, funcionando já a paróquia, entretanto, no centro da povoação. Estabeleceram-se os franciscanos com o objetivo de exercer o ministério sacerdotal e pedir esmolas para o sustento da comunidade e a construção do convento, entabulando logo amistosas relações com os moradores.

Por concessão da Câmara (janeiro de 1654) foi autorizada a fundação do convento, confirmada por alvará de 23 de fevereiro do mesmo ano. No ano seguinte, segundo as melhores fontes, deu-se início à construção. A antiga ermida, a que se chegava por uma escada de oitenta e tantos degraus, que muitos peregrinos costumavam subir de joelhos, foi substituída pela atual igreja, junto à qual se vêem as ruínas do convento dos franciscanos, construção sólida e, para a época, magestosa.

Do convento só existem ruínas, devido ao incêndio que o devastou em maio de 1833, sendo este, porém, erroneamente atribuído por muitos a uma incursão de índios.

Quando Presidente do Estado o Dr. Washington Luiz Pereira de

A CAMINHO DA PRAIA

PRAIA DAS CONCHAS

SANTOS - ITANHAEM HORARIO DE TRENS

PARTE DE SANTOS:
6 hs. e 15 hs. e 36 ms. (Diário)
Sábados, Domingos e vésperas de feriados 18 hs. e 20 ms.
Domingos 10 hs. e 45 ms.

PARTE DE ITANHAEM:
9 hs. e 38 ms. e 16 hs. e 14 ms. (Diário)
Domingos 14 hs. e 15 ms.
Domingos, 2as feiras e 1.º dia útil após os feriados 8 hs. e 20 ms.

PREÇOS DE PASSAGENS:
(Santos a Itanhaem)
1.ª classe — ida e volta — Cr. \$30,00
2.ª classe — — — — — Cr. \$16,50

Souza, que é também historiador, mandou proceder à restauração parcial da igreja e do convento. Mais recentemente, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) promoveu uma restauração mais completa.

O TERRAÇO E A LADEIRA — Em frente à igreja e ao convento há um terraço de onde se tem esplêndida vista não só da vila e do rio como do mar e da serra. Hoje o acesso ao terraço é feito por uma escada construída sobre paredes e arcos de pedra, em duas partes, que entre si formam um ângulo reto. Essa escada, de construção mais recente (1752), substituiu a antiga, a que já nos referimos e que se situava a sudeste num lugar mais íngreme. À entrada dessa ladreira, em um semi-círculo formado pelos paredões que a margeiam, há um vetusto Cruzeiro de pedra.

A MATRIZ DE SANTANA — Não se conhece a data exata do início da cons-

trução da igreja matriz de Itanhaem, a matriz de Santana, que se ergue ao centro da localidade. Existiu — depois de 1639 — uma primitiva igreja, de que não restam se não algumas paredes, aproveitadas na construção do atual, que data, seguramente, de princípios do século XVIII. Existe uma provisão real mandando dar-se, pela Fazenda, 100\$000 cada ano, por um espaço de três anos, para as obras da capela-mór, da Igreja da Vila da Conceição de Itanhaem. Essa provisão é datada de 11 de fevereiro de 1714.

Poucos vestígios restam hoje do altar-mór dessa época. Entretanto, restaurados pelo SPHAN existem ainda, intactos, os dois altares laterais, que foram repintados. Algumas imagens antigas também foram conservadas e outras, que haviam sido enterradas, foram recentemente redescobertas, juntamente com algumas que pertenciam ao convento. Mas, o próprio templo não deixou de sofrer

PRAINHA

algumas reformas que desfiguraram um tanto o seu primitivo estilo.

Em um dos altares laterais acha-se a imagem de N. S. da Conceição, denominada "A Virgem de Anchieta". Segundo a tradição popular veio da extinta aldeia de São João de Peruibe e, conforme a mesma tradição, diante dela gostava de orar o taumaturgo do Brasil. Da Aldeia Velha veio também a imagem de São João Batista, que servia de padroeiro da primitiva povoação, e que se encontra hoje no nicho à direita do altar-mór da matriz. Esta imagem é de uma verdadeira perfeição, toda talhada em cedro. É perfeito o seu estado de conservação e dela diz um entendido: "Parece uma escultura moderna, e ninguém, a não ser os que conhecem as tradições que atestam sua origem, poderá avaliar a idade dessa imagem, relíquia preciosa que só a veneração e a piedade dos fiéis têm podido trazer até nós, perfeita.

intacta, com o mesmo colorido, com o mesmo sentimento, que lhe deu o primeiro artista".

Destaca-se ainda, no nicho central do altar lateral direito da matriz de Santana, a imagem do Senhor do Bonfim, em tamanho natural.

EDIFÍCIOS ANTIGOS — Ainda se podem ver em Itanhaem algumas vestígios de construções antigas, contrastando suas paredes seculares com o tom claro das modernas e leves construções de praia. É o caso dos edifícios da Prefeitura, da Cadeia e de alguns outros que se erguem no centro da localidade, ao redor da matriz de Santana, para a qual estão voltados.

ALDEIA VELHA — Duas léguas além de Itanhaem, a oeste, bem ao centro da Praia de Peruibe, entre os rios Peruibe e Itanhaem, existem os vestígios da antiga igreja e do provável convento dos jesuítas. Vêm-se ainda os cumes da capela de Abarebê ou S. João Batista, construída

sobre um pequeno morro, 1.500 metros distantes da praia. Esta capela, era nos primeiros tempos coloniais, o ponto mais avançado dos missionários, cercado de florestas e serras habitadas pelo indígena bravo.

Com a expulsão dos Jesuítas (século XVIII), diz um relato, ficou abandonada e pela ação do tempo e das raízes de fogueira que ali brotam nas paredes, em grande parte desmoronou. Hoje, de vez em quando, alguma mão piedosa roça a capoeira que nasce dentro do templo; no mais, são ruínas de um memorável passado.

A pia batismal dessa capela acha-se, já há tempos, no Museu do Ipiranga.

PRAIAS — Não será exagero incluímos no patrimônio histórico de Itanhaem as suas belas praias. Delas diz com acerto frei Basílio Rower: "As praias de Itanhaem recordam uma das mais belas páginas do trabalho e ação pacificadora dos Padres da Companhia de Jesus no século XVI. Visitavam-nas frequentemente logo depois de se estabelecerem em S. Vicente.

O venerável Anchieta passou em Itanhaem toda a Quaresma de 1563, antes de ir com Manuel da Nóbrega a Iperó, hoje Ubaituba, a concluir 'armistício' entre tambores e tupis. De volta, Nóbrega assistiu na matriz, isto é, na ermida, ao abraço fraternal das duas tribus".

LUGARES PITORESCOS

Para concluir passamos a enumerar alguns dos inúmeros lugares pitorescos de que é rica Itanhaem:

"PRAINHA" — É a praia de banhos de Itanhaem, situa-

DETALHE DA IGREJA E DO CONVENTO

O CUTEIRO

ENSEADA DAS CONCHAS

MARINHA

PESCADOR

CONTRASTE

da em uma bem abrigada baía, que começa nas elevações à direita da foz do Rio Branco e termina no início do chamado Costão. Praia segura, é a preferida pela população e visitantes. Alcança-se-a através do Rio Branco, onde há um serviço permanente de barca para o transporte dos banhistas, ou pela parte da E. F. S.

PRAIA DAS CONCHAS — Em continuação à Prainha, quando se inicia o Costão, há a Praia das Conchas, uma das principais curiosidades naturais de Itanhaem. É toda forrada de pequenas conchas, de onde lhe vem o nome.

O COSTÃO — Costão de Pernambuco ou de Pernambuco é o trecho agreste e elevado da costa que vai da Prainha à Praia de Peruibe. Oferece vistas magníficas sobre o mar, que se embate contra as pedras que o formam. Pode-se percorrê-lo de ponta a ponta, cerca de três ou quatro quilômetros, através de trilhas seguras. Suas pedreiras, muitas vezes a pino, constituem lugares não só pitorescos pela sua beleza selvagem, como propícios à pesca e às mais variadas excursões.

CAMA DE ANCHIETA — Logo ao iniciar-se o Costão, a poucos metros da Praia das Conchas, está, recortada na pedra, com o seu dócil também de pedra, a Cama de Anchieta, onde, segundo a tradição, repousava o apóstolo jesuíta.

POÇO DE ANCHIETA — No extremo da Praia de Peruibe, na parte ocidental do Costão, acha-se o Poço de Anchieta. Afirma a tradição que esse poço fora feito pelos indígenas sob a direção de Anchieta,

que também lhes ensinara o fabrico de rédeas de pescar.

PRAIA DE PERUIBE — Práia própria para banhos e de grande beleza. Estende-se por vários quilómetros além do Costão. Não é muito procurada devido à distância da localidade. Alcança-se-a pelo próprio Costão ou por um caminho carroçável que o contorna. Ao meio dessa praia encontram-se as ruínas da Aldeia Velha.

PULPITO DE ANCHIETA — Dá-se esse nome a uma pedra que se eleva na Prainha, onde um pequeno istmo separa a foz do Rio Branco da enseada ali formada pelo mar. Diz a tradição que José de Anchieta dali costumava pregar ao gentio.

RIO BRANCO DE ITANHAEM — O Rio Branco enseja, por sua vez, interessantes excursões.

Suas margens, em geral cobertas de vegetação luxuriante, são pro-

pícias à caça. Subindo-o encontram-se vários pontos pitorescos, sobrepondo-se entre elas o chamado Casqueiro, que é um singular capricho da natureza. Tanto o Rio Branco como seus afluentes são piscosos.

PRAIA GRANDE — Vem terminar em Itanhaem, mesmo em frente à localidade, junto à foz do Rio Branco, a magnífica Praia Grande, que se inicia junto à Ponta do Itaipús, próxima a S. Vicente e segue para o Sul, numa extensão de várias dezenas de quilómetros. A Praia Grande oferece vários pontos excelentes para banho. Em Itanhaem, porém, não é segura. Dentre seus lugares pitorescos destacam-se SUARÃO, cinco quilómetros além de Itanhaem na direção de S. Vicente, e VERDE MAR.

Ambos são servidos pela Estrada da Ferro, sendo que em Suarão há um hotel confortável.

Do ponto de vista turístico Itanhaem não é, como se poderia pensar, um balneário típico. Mesmo por não dispor das instalações e do conforto que caracterizam as grandes praias de Santos ou Guarujá. Constitui, sim, uma estação de repouso, ideal para quantos procurarem descansar os nervos e refazer as forças gastas pelo dinamismo da vida moderna. Luxo e divertimentos exaustivos não têm lugar ali. Nem mesmo o clássico cinema. Em Itanhaem deve-se viver essencialmente ao ar livre, entregue aos esportes da praia e às excursões que, sobre ser um tonificante contacto com a natureza, propiciam, não raro, em ambiente bucólico, a evocação de páginas sugestivas de nossa história.

Para o historiador ou, ainda, o leigo que se volte com carinho às coisas do passado, Itanhaem é um rico campo de observações. Tudo ali nos fala dos séculos primeiros da História Pátria, das conquistas e lutas dos primeiros colonizadores, da abnegação dos missionários, dos sonhos de tantos que, com os olhos fitos na serra ao longe, viam o ouro e a fortuna compensando-os de todas as agruras da terra distante e inhospita.

Como em quase todo o litoral paulista, o vulto de Anchieta está presente em tudo em Itanhaem. Se nos fosse permitida uma imagem poética, diríamos que, em noites de luar, o santo jesuíta ainda passeia pelas areias da Praia Grande ou contempla o manso mar da Prainha, antes de procurar o repouso, para ele também uma forma de penitência, nos duros rochedos do Costão, batidos pelos ventos do mar...

RUMO AO MAR

RETIRADA DA REDE

DEPOIS DA PESCARIA

FOZ DO RIO BRANCO

PRAIA DE ITANHAEM

ROTEIRO

Cadernos de turismo, nº 2 – Campos do Jordão, Departamento Estadual de Informações

CREPUSCULO

A Estrada iniciou o tráfego em 1914 e, dez anos depois, em 1924, foi eletrificada. De início, o "bonde" ataca a planície, uniforme até o sopé da Serra. Uma ponte, obra de arte notável, transpõe o Paraíba, o denominador comum do grande Vale que, desde Guararema, indica o traçado à Central. Um pouco mais, de 15 ou 16 quilômetros de Pindamonhangaba, alcança-se a raiz da Serra. Começa a subida. O horizonte se alarga pouco a pouco. A Mantiqueira, que de longe se afigura um paredão fechado, recortado no céu, vai revelando seus encantos. O trem sobe quase sem ruídos, desvendando panoramas, abismos, culturas. Pindamonhangaba, lá longe, é uma mancha branca. Dez quilômetros mais e é o Alto da Serra, a meio do caminho da escalada.

Está aqui o divisor das águas entre o vale do Piracuma, tributário do Paraíba,

e o do Sapucaí-Mirim, que vai alcançar o Rio Grande. Toda uma visão rápida de um dos maiores sistemas hidrográficos do continente — o do Rio da Prata, cujas primeiras águas ali estão no modesto Capivari, pode acudir à imaginação do viajero. Começa-se então, quando o ar já revela as doçuras do clima que as montanhas guardam, a parte mais bela da viagem. À esquerda de quem sobe a Pedra do Baú recorta-se no horizonte. Seras acastelam-se péla frente e aos lados, e — voltando um pouco o olhar — lá em baixo, em larga extensão, o Vale do Paraíba.

Chega-se logo depois ao Lageado. A pequena estrada subiu 1.220 metros, a contar da raiz da Serra. Atinge sua cota máxima, 1.773 metros de altitude e, na frase feliz do saudoso dr. Olímpio Portugal, um dos primeiros vulgarizadores das belezas do local, — "doma e transpõe a montanha".

Eis-nos nos Campos do Jordão.

A TERRA

A Mantiqueira alarga-se num planalto ondulado que, seguindo o curso do Sapucaí Mirim, perde-se, em declives suaves, pelos Campos do Serrano e de S. Francisco, Minas a dentro.

As lombas e morros que contornam os vales, são um nada ante a montanha sobre a qual se assentam. O pinheiro ("araucária brasiliensis"), que desde o meio da viagem já se fazia notar, domina agora a paisagem.

Cessam as subidas íngremes. A estrada, num quase plano, vai terminar em Emilio Ribas, primeiro transpondo a zona sanitatorial e depois a sucessão de vilas: Abernethia, Jaguaribe e Capivari, equidistantes entre si mais ou menos dois quilômetros, que assinala o peculiar panorama urbano dos Campos do Jordão. A "cidade" não se congela. Distende-se, alonga-se, dilui-se enfim na paisagem, repartida, por vezes oculta, como que tirando, inteligentemente, proveito máximo da exuberância do clima.

No Lageado, a estação de Toribá entremonta, com o moderno hotel ali edificado, os primeiros sinais de uma indústria turística promissora. Abernethia é o centro administrativo. Pouco adiante está o Grande Hotel. Vila Jaguaribe, Emilio Ribas, Capivari, revelam a zona residencial, cheia de vilas encantadoras e à qual alguns castelos senhoriais dão uma nota aguda de paisagem europeia recortada na serra semi-selvagem.

O CLIMA

E o clima, indiscutivelmente, o atrativo primacial de Campos do Jordão. A qualificação que se lhe dá de um dos melhores do mundo, não é fruto de nenhum vago ufanismo, mas resultado de rigorosas constatações científicas. A derrubada das matas, e notadamente dos pinheirais, que ameaçava seriamente alterá-lo, foi em boa hora sustida por providências

LAGOINHA

ALTO DO BAÚ

A CHEGADA

energéticas do Governo do Estado, como a lei 5.944, de 18 de junho de 1933, proibindo o corte de pinheiros. Cuida-se agora de preservar os pinheirais e compensar, por um inteligente reflorestamento, as devastações criminosas, que duraram decênios sem contudo abater de vez a pujança característica daquela flora — "com o seu quê de flora alpina" — única no Estado.

A Serra, ao contrário do que o seu nome tupi indica (Amantiquira, derivado de amanty ou amandy — chuva e equivo, dormir, ou seja: Mantiqueira, dormida ou pouso da chuva), apresenta-se ali como fator criador da excelência do clima. Antepara as correntes frias e úmidas do sul, permitindo que nos Campos a altitude em si alie-se à configuração e ao revestimento peculiares do solo, inteiramente enxuto e poupado à umidade própria de semelhantes alturas. Eis porque, asseverava com douda razão o dr. Olímpio Portugal no seu notável estudo, que data de 1916 ("Revista do Brasil" — Ano I, N.º 8 — — Págs.

295-321), "o clima dos Campos do Jordão atende aos dados clássicos de magnífico clima de montanha, equilibrado por fatores excelentes, sem a rudeza de outros de menos altitude e livre das taxas adversas de vento e da umidade, que costumam dominar as alturas". Numa palavra: Todas as vantagens das grandes altitudes, sem os seus defeitos.

"ZONA DO FRIO TROPICAL"

Sêco e frio, o clima dos Campos surpreende quem quer que chegue ali pela primeira vez. É o que lutam, todo o ano, com os saltos do clima de S. Paulo, admiram-se não raro, nesta "Zona do Frio Tropical", de, com agasalho mínimo, suportar dois ou três graus apenas acima de zero, com muito maior facilidade que os quinze ou dezessets que o fazem tiritar e encapotar-se na Capital paulista. Nem mesmo quando a severidade do

CAPIVARI (Vista do Morro do Elefante)

ABERNETHIA

frio leva o termômetro a cair abaixo de zero, e, nas manhãs de inverno, a geada forte dá um tom peculiar aos campos, como se brotasse rente ao chão a florada da primavera, o organismo — impede-o o ar seco — sente-se castigado. Uma atmosfera límpida dá encanto peculiar à paisagem e, nas noites claras, mostra todas as riquezas do céu. A baixa pressão, própria da altitude, é a responsável por esses novos atributos atmosféricos, a que o sol, mais vivo em luminosidade e calor, oferece um agradável contraste.

A temperatura média anual fixa-se nos 12,8°, registrando-se para o inverno a média mínima de 2,6° e para o verão a média máxima de 21,8°. As taxas de nebulosidade, insolação, grau actinométrico e de precipitação pluviométrica, revelam ao rigor das cons-

tatações científicas, atributos excepcionais.

Dai as virtudes sanitárias dos Campos: Todos os fatores se conjugando para dotá-los, rara prenda da natureza, de um clima sem igual. As comparações, por exemplo, já efetuadas entre a estância paulista e suas congêneres dos Alpes, e que se deparam na vasta literatura felizmente existente sobre Campos do Jordão (veja-se, entre os trabalhos mais recentes, o interessante livro do dr. Mario Sampão Ferraz — "Campos do Jordão" — Edição da Secretaria da Agricultura — 1941, págs. 113—162), demonstram que, no conjunto dos fatores climáticos, a "Suíça Brasileira" as iguala, quando não supera. É o caso da mundialmente afamada Davos-Platz, em plenos Alpes Suíços.

A PASSAGEM

UM POUCO DE HISTÓRIA

Datam de 1700 as primeiras notícias sobre os Campos do Jordão. Ali por 1703 ou 1704, Gaspar Vaz, por alcunha Oyaguara (o "Jaguara"), abriu, vendendo a Serra, um caminho de Pindamonhangaba ao Sapucaí, mais ou menos pelo atual traçado da ferrovia. Foi por esse caminho, diz Olímpio Portugal, "que entrou a gente e a sisanza para a região virgem dos Campos". Realmente. Não tardaria que acirradas questões de limites, suscitadas entre o poder público ou entre particulares, viessem perturbar a paz da região, prolongando-se pelos dois séculos de disputas de limites entre Minas e S. Paulo.

O litígio, sustentado de início (1714), quando era recente a Capitania de S. Paulo e a de Minas não fora ainda criada, entre as comarcas de Guaratinguetá e Rio das Mortes, passou depois para as duas Capitânicas, "numa sucessão contínua e viva de vitórias, pareceres, assentos, avisos régios, que, em certa fase, tanto efervesceu os ânimos a ponto de pôr em armas dois capitães-mores mais impetuosos".

Por determinação real, pouco depois, era fechado o caminho de Gaspar Vaz, assim de evitar a passagem, por ele, do ouro das minas de Itajubá. Substitui-o a chamada Estrada de Itapeva, que se tornou, por largo tempo, a porta de entrada do maravilhoso planalto.

Em meados do século XVIII, Antonio Francisco Pimentel, capitão-mór de Pindamonhangaba, fundou nos Campos de Capivari uma fazenda de criar, à qual abandonou mais tarde, retirando o gado, quando voltou as Ilhas, sua terra. Surge, então, nimbada pela lenda a figura de Inácio Caetano Vieira de Carvalho, também morador de Pindamo-

LAGOA NA MONTANHA

A HORA DA SEXTA

UM LINDO PASSIO

nhangaba, que ali por 1771 se instalava nos Campos. Em 1773, alegando que aquelas terras foram largadas por outro morador, por serem muito frias e haver ali muitas onças, requereu e obteve sesmaria, que atingia até Itajubá. Deu-lhes o nome de Fazenda Bom Sucesso e mal nelas se instalara e o vemo de peito e alma empolgado na questão de limites.

Atribui-se a essa curiosa figura daqueles idos, origem mineira, do lado do Rio das Mortes. Já um dos seus sócios dos tempos da posse, João da Costa Manços, paulista de Taubaté, tomara na questão dos limites o partido dos mineiros. Foi assim que o mineiro Inácio e o paulista Manços, "torcidos por ventos da sorte", viram-se contrangidos a lutar, um e outro, contra as terras de origem.

Morto Inácio Caetano, já no século XIX, seus herdeiros, por escritura pública passada em S. Paulo a 27 de novembro de 1825, venderam ao Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, as terras da Fazenda de Bom Sucesso. Andou a transação por dez contos de réis.

Conta o dr. J. Romero, em seu interessante trabalho — "Campos do Jordão na História e na Lenda" — que Inácio Caetano vivera vinte anos nos Campos, inteiramente sequestrado do mundo, em companhia de seus dois únicos filhos e de alguns escravos. Havendo conseguido avultada fortuna — já aqui se entra no domínio da lenda — conta-se que a enterrou em terras da Fazenda Correntinos, plantando no lugar, para assinalá-lo, três pinheiros

HOTEL RANCHO ALEGRE

REFUGIO ALPINO

GRANDE HOTEL

HOTEL TORIBA

DETALHE DO GRANDE HOTEL

UMUARAMA

simetricamente dispostos e que, ainda hoje, se podem ver a poucas centenas de metros do hotel ali existente com os sinais das frequentes escavações a que, de quando em vez, alguém se abalança à procura da prata e do ouro que para a tradição local a terra ali guarda em arcas recheadas...

De posse dos Campos, o Brigadeiro Jordão — figura histórica de nossa Independência, membro do Governo Provisório de 1822, em companhia do velho Martin Francisco, com ele deposite na "bernarda" de Francisco Inácio — deu à Fazenda o nome de "Natal". Já então o povo denominava o local simplesmente de "Campos" e a sua posse por personagem tão ilustre como aquele íntegro comparsa da Independência, completou a denominação — Campos do Jordão. Como quer que seja, porém, é Inácio Caetano o seu verdadeiro povoador.

Apenas catorze meses depois da compra, morria o Brigadeiro Jordão. A Fazenda com benfeitorias, escravos e criação, foi então avaliada em vinte contos de réis. Afirma-se que o próprio Brigadeiro não chegou a conhecê-la. O mesmo sucedeu aos seus herdeiros, que pouco a pouco a fragmentaram. Foi assim que Mateus da Costa Brito pouco mais tarde, adquiriu os terrenos onde está hoje a Vila Jaguaripe, construiu capela e fundava o povoado de S. Mateus do Imbiró. O povoado teve desenvolvimento incipiente e anos decorreram até que o extraordinário valor do clima fosse observado com interesse, — obra de alguns médicos de Pindamonhangaba que ali fixaram residência. Foram os drs. Emilio Ribas, grande benfeitor da futura Estância, Vitor Godinho e Francisco Godol, que mais entusiasticamente vulgarizaram a importância dos Campos do Jordão como estação de cura e repouso, abrindo, já neste século, a era auspiciosa de seu conhecimento e procura, cada vez mais justos e intensos.

Em 1905 o dr. Belfort de Mattos, diretor do Serviço Meteorológico do Estado, providenciava a instalação de um posto meteorológico em Vila Jaguaripe, na época o principal povoado da Estância; em 1911, os

CAMPOS DO JORDÃO (Paisagem Típica)

NOS HOTÉIS DE CAMPOS (Conforto e bom gosto)

drs. Emílio Ribas e Vitor Godinho fundavam a Vila Capivari (Estação de Emílio Ribas), zona residencial por excelência. Em 1914 veio a estrada de ferro e no ano seguinte surgiu Vila Abernêsia (Estação de Campos do Jordão), fundada pelos Drs. Roberto J. Reid, João Domingos da Silva e outros.

A lei 1.471, de 29 de outubro de 1915, criou o distrito de paz de Campos do Jordão, subordinado ao município de S. Bento do Sapucaí. Em 1.º de outubro de 1926, a lei 2140 criou a Prefeitura Sanitária. Pelo decreto-lei n.º 14.344, de 30 de Novembro de 1944, foi Campos do Jordão transformada em Comarca, desligando-se assim judicialmente de S. Bento do Sapucaí. Esse decreto entrou em vigor a 1.º de Junho de 1945, sendo a comarca instalada a 13 do mesmo mês e ano. Finalmente, o decreto-lei n.º 15.717, de 13 de Fevereiro de 1946, transformou o município em Estância Sanitária.

O MUNICÍPIO

O Município de Campos do Jordão tem como coordenadas geográficas 22º.43' e 44" de Latitude Sul a 3 h., 2 m. e 30 s. de Longitude (Meridiano de Greenwich). A superfície é de 256 kms. 2, aproximadamente, e a população, segundo o recenseamento de 1940, de 8.596 almas. Hoje, porém, consoante cálculos autorizados, deve atingir, se não exceder, 12.000 almas.

Limita-se com os municípios de Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, S. Bento do Sapucaí e Itajubá, este no Estado de Minas Gerais.

O sistema hidrográfico, muito rico, apresenta a curiosidade de não conter rios estranhos, pois todos eles são os mesmos nascidos. Representam-no o Capivari, considerada a mais alta nascente do Rio da Prata e seus afluentes: os ribeíres da Lagoa, Imbiré, do Homem-Morto, das Perdizes, etc. Depois de receber as águas dos Perdizes, o Capivari passa a denominar-se Sapucaí-Mirim, recebendo, no território do município, ainda, os afluentes Fôjo, Ferradura, Calhambola, Ribeirão do Meio, Serra, Gualandara, Marmelos, etc., "para sair de Campos

já rio feito". As águas, em alguns pontos de límpides notáveis, que comumente permitem divisar o fundo de cascalho e areia, não são piscosas.

Presta-se o clima ao cultivo de plantas européias, que ocupam parcela considerável de sua produção exportável. Madeira e criação de gado, ao lado de uma desenvolvida indústria de construções, completam o quadro econômico da Estância a que a indústria turística traz agora, conforme notamos, um fator novo e promissor. O comércio é desenvolvido, contando cerca de 180 estabelecimentos.

Campos do Jordão dispõe de luz elétrica, bom serviço telefônico e rede de águas e esgotos, esta última em reforma. A instrução pública é representada por dois grupos escolares e várias escolas isoladas.

Funcionam na Estância as seguintes repartições públicas: Prefeitura Sanitária; Centro de Saúde; 1 Divisão do Serviço de Tuberculose; Fórum; Delegacia de Polícia; Coletoria Estadual; Correios e Telegrafos; Cartório do Registro Civil; dois Tabelionatos; Registro de Imóveis e Anexos; 1 Distribuidor. Os governos Federal e Estadual mantêm Postos de Observação Meteorológica. Todas as repartições funcionam em Abernêsia, onde há também um mercado, higienicamente instalado, os Bancos Itajubá, Mercantil do E. de S. Paulo e o representante do Banco do Brasil.

Ainda em Abernêsia há um bom cinema, com lotação para 700 pessoas e a sede da rádio-emissora local: a ZYL 6 — Rádio Emissora de Campos do Jordão, recentemente inaugurada, que funciona com a frequência de 1.550 quilociclos.

A ligação entre as vilas é feita pela linha de ônibus "Hotel dos Lagos S.A.", cujos carros circulam de meia em meia hora. A E. F. Campos do Jordão, por

FLORADA

GEADA

sua vez, mantem entre as vilas e a zona sanatorial um serviço de subúrbios, circulando os elétricos de hora em hora.

Breve Campos do Jordão será dotado de um campo de aviação. A primeira aterrissagem de sua história deu-se no dia 8 de fevereiro de 1947, nos campos do Hotel Rancho Alegre, pilotando o aparelho o tenente da F.A.B. Fernando Paes de Carvalho.

Dispõe a Estância de vários clubes e sociedades recreativas, entre os quais o Tennis Clube, em Vila Capivari; o Abernêsia Futebol Clube, o Abissinia F.C. e o Campos do Jordão F.C.

A assistência social, representada na zona sanatorial por notáveis realizações do Governo do Estado e de entidades particulares, conta ainda na Estância ótima Santa Casa, em fase

adiantada de obras; Círculo Operário, que inaugurou recentemente uma vila para seus associados; Educandário Santo Antonio, para filhos de tuberculosos pobres; Abrigo de Indigentes "D. Leonor Mendes de Barros"; Preventório Santa Clara, etc. O Centro de Saúde é uma repartição de primeira ordem e assim também a Divisão do Serviço de Tuberculose.

A religião católica é representada por duas paróquias, com igrejas matrizes em Abernêsia e Vila Capivari, além de várias capelas e residências de Congregações Religiosas. Há também templos evangélicos.

Estância já dispõe de um excelente plano urbanístico, elaborado há alguns anos por uma comissão chefiada pelo engenheiro Francisco Feres Maia. Os serviços mais urgentes previstos pelo referido plano: a Av. de Ligação entre as três vilas e a reforma do abastecimento de águas e esgotos, estão sendo realizados. Constroem-se assim as bases para se delinear, de acordo com os planos modernos preconizados para o gênero de estância climática, a futura paisagem urbanística de Campos do Jordão.

POLICIA E HIGIENE SANITARIA

O justo interesse que a administração estadual, de alguns anos a esta parte, vota a Campos do Jordão, permitiu dotar a maravilhosa Estância paulista dos elementos necessários para atingir seus dois primordiais objetivos, sem confundir os: o de cura e o turístico. Esse aparelhamento progride continuamente, quer na chamada Zona Sanatorial, perfeitamente delimitada, quer na zona residencial e turística, marcada pelos grandes hotéis e magníficas vivendas.

Se bem que o clima dos Campos, na voz unânime dos que o têm observado, constitui de per si a melhor defesa do organismo, o Estado dotou a estância de todos os requisitos higiénicos, completados por um perfeito policiamento sanitário. Os regulamentos do Código Sanitário são rigorosamente observados, ao lado dos dispositivos estabelecidos pelo regulamento peculiar da Estância. Assim, para a entrada nos hotéis ou a simples frequência dos mesmos, é indispensável, atestado médico fornecido pelo Centro de Saúde ou por facultativo da localidade, após um exame radioscópico.

OS CAMPOS DO JORDÃO

A remoção do lixo, o tratamento das águas e esgotos, a fiscalização domiciliar e a pasteurização do leite, que é ali abundante e de ótima qualidade, processam-se com todo o rigor da higiene e sob as vistas diretas das autoridades.

HOTEIS

Embora relativamente nova, a indústria turística em Campos do Jordão dispõe de aparelhamento à altura dos grandes centros mundiais de turismo. Prova disso está nos seus vários, modernos e confortáveis hotéis, já em funcionamento ou em vias de conclusão. Ela surgiu graças à iniciativa do Governo do Estado, na Interventoria Adhemar de Barros, de ali construir um grande hotel, sito entre Abernêsia e Capivari, a três quilômetros da primeira. Logo depois surgiu o Hotel Toriba (a 7 km.) e mais recentemente, os Hotéis Rancho Alegre e Refúgio Alpino (15 e 6 km. respectivamente de Abernêsia), o último há pouco inaugurado. Em vias de conclusão acham-se os Hotéis dos Lagos (4 km. de Abernêsia)

e o Hotel da Vila Inglesa (7 km.), além do Umurama, um pouco mais antigo que os primeiros e mantido por iniciativa de uma associação evangélica.

São todos modernos, com aquecimento interno e construídos em estilo rústico, predominando as linhas coloniais, que harmonizam seus conjuntos imponentes com o bucólico da paisagem. Nada lhes falta em matéria de conforto moderno, podendo satisfazer os mais exigentes gostos. Os apartamentos ou simples quartos, as salas de estar ou de refeições, revelam bom gosto e preocupação com o conforto dos hóspedes.

O cuidado com a decoração, a escolha dos objetos de arte que os ornamentam, é outro traço característico dos hotéis de Campos do Jordão. Veja-se, por exemplo, as salas de estar do Toriba e do Grande Hotel e a surpreendente fachada do Refúgio Alpino.

Situam-se esses hotéis em grandes áreas de terra, que oferecem múltiplas oportunidades para passeios e

excursões: São fontes, bosques, montanhas, cascatas, curiosidades locais etc. Campos de tênis, placidinho, toda a série de jogos esportivos e de salão, música e dança, acham-se também ao alcance dos hóspedes. Cada estabelecimento se empenha em proporcionar aos seus frequentadores o roteiro dos passeios que se encontram nas respectivas áreas ou nas proximidades, através de quadros e mapas elucidativos dos itinerários e distâncias a percorrer.

O preço das diárias individuais do Grande Hotel, o Toriba e o Rancho Alegre, varia de Cr.\$100,00 (quartos) a Cr.\$180,00 (apartamentos). Os casais gozam de abatimento de 20 a 30%, sofrendo os preços sensíveis reduções em épocas fora de estação. No Umurama as diárias por pessoa variam de 65,00 a 75,00 (quartos) e 75,00 a 95,00 cruzeiros apartamentos, e no Refúgio Alpino, de 90 a 120 cruzeiros. Há ainda em Abernêsia e Capivari vários hotéis e pequenas pensões populares.

LUGARES PITORESCOS

Tantos e tão vários são os lugares pitorescos que a natureza de Campos do Jordão oferece aos que desejam de-

vassá-la, que a sua descrição, por simples que fosse, não se comportaria no espaço deste "Caderno". Procuremos, entretanto, focalizar alguns dos principais ou mais característicos, indicando sumariamente alguns outros:

ALTO DA BOA VISTA — A três quilômetros de Abernêsia, alcançado por uma boa estrada, o Alto da Boa Vista oferece aos excursionistas a visão de um panorama inesquecível. De um lado as serranias, umas de Minas, outras de S. Paulo, dominadas pelo vulto imponente da Pedra do Baú. De outro o Vale do Capivari, com o seu casário, vivendas, estradas, os Campos do Jordão, enfim, subindo para o horizonte em ondulações suaves. Nos dias luminosos, tão frequentes lá, não é difícil que, bem ao longe, confundida com o céu, divise-se a silhueta das Agulhas Negras.

No Alto da Boa Vista, ergue-se o conjunto imponente da Residência de Verão do Governo do Estado, o "castelo", como, com propriedade, chama-a o povo. Realmente, suas torres lhe dão um quê de castelo medieval. Agora as obras do Palácio de Verão, paralizadas desde 1940, serão levadas à conclusão.

PEDRA DO BAÚ — É um dos principais atrativos turísticos não só da região, como de todo o Estado. A sua curiosíssima forma, de onde lhe vem o nome, constitui um maciço de pedra atrado contra o céu, a 1.900 ms. de altitude.

A estrada para a Pedra do Baú sai à esquerda, entre Abernêsia e Jaguaribe, bifurcando-se pouco além, para de novo reunir-se, no lugar chamado Campêta, rumo a Itajubá. Qualquer dos seus dois braços leva às proximidades da Pedra. Pela esquerda passa-se no Alto da Ráia, em frente ao Palácio do Governo, onde se localizará o futuro Campo de Aviação; a meio do caminho atinge-se o Taquaral, vista mais próxima da Pedra do Baú. Pela direita, atravessa-se a Vila Matal, passando-se mais além nas proximidades do Pico do Imbiré e da Gruta dos Crioulos, outros atrativos do passeio.

De automóvel ou a cavalo o turista chega com segurança até as proximidades da Pedra, a 1.700 ms. de altitude, na base mesma do singular capricho da natureza. Um último lance deve ser percorrido a pé e depois uma escada — 400 degraus cavados na rocha! — vence os últimos duzentos metros, e se está no alto do Baú. A superfície plana da Pedra é considerável, comportando elevado número de pessoas. Há ali, inclusive, um bom abrigo: pequena casa com sala, lareira e camas de lona. A vista, não se precisaria dizê-lo, é deslumbrante.

PICO DE ITAPEVA — É o ponto mais alto de Campos do Jordão, a 2.030 ms. acima do nível do mar. Situa-se nas dividas do município de Fimamhangaba, distante cerca de três leguas de Capivari. A ascensão deve ser feita de preferência no inverno, quando o tempo claro proporciona daquelas alturas uma visão inesquecível do Vale do Paraíba, abrangendo uma dezena de suas cidades e vilas. Nas demais estações do ano é comum o pico achar-se encoberto.

PINHEIRAIS (Fazenda da Guarda)

CRIANÇAS EM CAMPOS DO JORDÃO

FAZENDA DA GUARDA — A Fazenda da Guarda é um dos menos conhecidos passeios de Campos do Jordão. Constitui, entretanto, um dos principais, digno de ser visitado por quantos procuram a aprazível Estância. Pertencente ao Estado, é resultante de uma série de desapropriações felizes, abrange uma área de três mil alqueires, na qual se localiza a maior reserva de pinheiros do território paulista. Preservada, em tempo hábil, da sanha destruidora dos madeiros, das serrarias e do fogo, a reserva florestal da Guarda, onde também se encontram, em profusão, magníficos espécimes da fauna, torna-se agora um dos elementos substanciais do clima de Campos do Jordão. Compreende a Fazenda três colônias, nas quais o atual Governo encetou várias obras notáveis, inclusive um viveiro de plantas europeias, que a tornará, em breve, o maior parque de pomicultura de S. Paulo.

PONTES, QUEDAS DE ÁGUA, REFRIGERANTES — Conta o município várias fontes de águas medicinais, sendo as principais: Renato, a 2 km. de Abernêsia, próximo ao Grande Hotel; Marisa (água tórtio e radioativa); Água Santa (magnesiânica e radioativa), nas proximidades do Hotel Raulino Alegre e Fonte Simão, próxima ao "Refúgio Alpino". Dada a natureza montanhosa do terreno, multiplicam-se as quedas de água, entre outras: Diamante, Baker, Fôjo, Elman, Salto, Três Quedas, Renato, Abernêsia, etc. Há ainda vários lagos artificiais, como Lagoinha, digna da atenção do turista pela placidez da paisagem; Lago Simões, Toriba, além das represas da Usina Nova e da Usina Velha.

OUTROS PASSEIOS — Anote-se ainda, nesta incompleta relação dos lugares pitorescos de Campos do Jordão, os parques e obras de urbanismo que várias companhias de terrenos empreendem, como o Jardim do Embaixador, Vila Inglesa, Vila Natal, Parque da Ferradura, etc. E outros pontos dignos de nota, como o monumento a Cristo Redentor, no Caminho do Toriba; o Morro do Elefante, à frente de Capivari; o balneário do Homem Morto;

Paulo Velho, a Pedra Pão, a "Casa do Poeta", a Alpargata ou Vista Soberba, na Fazenda Correntinos, o Acampamento do Jordão Grande, no vizinho município de S. Bento. Por último mencione-se as residências de veranico, com os seus parques, matas e lagos, oferecendo não raro, pela imponência dos seus conjuntos arquitetônicos e cuidado na localização, perspectivas e "arrazijos" que despertam admiração. E o caso das residências dos srs. Chafic Maluf, Hans Muller Caribba, Herminio José de Moraes, Madalena Tagliaferro, Eduardo Matarazzo, etc.

DOIS ESPETÁCULOS — O Inverno e a Primavera reservam dois espetáculos inesquecíveis aos visitantes dos Campos do Jordão. No inverno é a geada, que, pelas manhãs de frio intenso, dá a sua nota, rude à paisagem. Na Primavera, ali por setembro, é a florada, espetáculo inesquecível da natureza em festa — como que resurgindo da mortalha do inverno — que vara os dias e as noites numa festa inebriante de luz e de perfume.

CAMPOS DE JORDÃO já está inteiramente de posse das vantagens que lhe proporcionam suas riquezas climáticas e turísticas.

Cumpre também notar que Campos se situa ao centro da principal zona turística brasileira, a das estâncias hidro-minerais, pendente de uma fralda e outra da Mantiqueira, em Minas e S. Paulo — bem a meio das duas maiores capitais brasileiras. A modernização da estrada que se liga a Piquete e daí à rodovia Rio-S. Paulo, de um lado, e de outro, a várias estâncias mineiras, passando no território do município pelos terrenos da Lagoinha Correntinos e da Fazenda da Guarda, dar-lhe-á a possibilidade de lidar com os melhores recursos turísticos do futuro em território brasileiro. Paralelamente a distância que a separa do Rio será encurtada em mais de 150 quilômetros.

Hoje já é uma realidade a previsão de Benjamin H. Hunnicut, em seu livro "Brazil Looks Forward", de que Campos do Jordão seria uma das estâncias mais conhecidas do nosso país. Pode-se-lhe acrescentar, sem receio do erro, que é também um dos centros turísticos de maior futuro da América, pois que tanto lhe assegura a magnanimidade com que a natureza agitou esse privilegiado recanto da terra paulista.

Sua fama atravessou fronteiras e, de ano para ano, do país e do estrangeiro, eleva-se o número de pessoas que a procuram. Paralelamente, Governo e particulares trabalham em dotar a Estância dos mais variados recursos, de forma a acrescentar à exuberância da natureza todo o conforto que o homem moderno e capaz de criar.

Dados fornecidos pela Superintendência das Estâncias, da Secretaria do Governo do Estado, sobre o movimento dos principais hotéis de turismo de Campos do Jordão revelam a crescente intensidade com que é procurada. Assim, em 1944 entraram 19.694 hóspedes; em 1945, 24.336 e em 1946, 32.305, numa progressão realmente auspiciosa.

Jornal Brasil Novo – janeiro de 1941, ano III

Instituto de Açúcar e do Alcool

ACUCAR E DO ALCOOL

PRODUTOS MOTOR

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000
1939	100.000	100.000

PRODUTOS ANTERIO

ANO	QUANTIDADE	VALOR
1933	100.000	100.000
1934	100.000	100.000
1935	100.000	100.000
1936	100.000	100.000
1937	100.000	100.000
1938	100.000	100.000

Revista *Travel in Brazil*, vol 1 n° 1, 1941

Revista *Travel in Brazil*, vol 1 n° 2, 1941

Revista *Travel in Brazil*, vol 1 n° 3, 1941

Revista *Travel in Brazil*, vol 1 n° 4, 1941

Anexo V – Cronologia

Data		Acontecimento
1883	3 de janeiro	Nascimento em Hildesheim, Alemanha.
1914-1918		Participa da Primeira Guerra Mundial como fotógrafo.
1923	21 de abril	Emissão de seu passaporte.
	17 de dezembro	Obtém o visto para entrar no Brasil no consulado brasileiro em Buenos Aires.
	23 de dezembro	Desembarca do vapor Cap Polonio no Porto de Santos.
1927		Inaugura sua loja na Rua Voluntários da Pátria, 506 para a venda de cartões.
1928-1940		Realiza trabalhos para a Secretaria de agricultura.
1934		Contratado como fotógrafo do Touring Clube do Brasil.
1936		Trabalha como “jornalista photographo” na revista <i>S. Paulo</i> com o salário de dois contos de réis.
1936	2 de junho	Dá entrada no pedido de naturalização
1938	6 de novembro	É nomeado fotógrafo do Palácio do Governo na Diretoria de Publicidade e Propaganda
1939		Muda-se da Rua Augusto Tolle, onde se instalou pouco depois de chegar ao Brasil para a Rua Cedro, no bairro do Jabaquara ao lado do amigo e fotógrafo Benedito Junqueira Duarte
1941	4 de janeiro	É concedida sua naturalização.
1943		Contratado como fotógrafo da Divisão de Turismo e Diversões Públicas do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de São Paulo. Participa do jornal <i>Brasil Novo</i> , da revista <i>Travel in Brazil</i> e ainda de dois folhetos turísticos.
1948		É transferido do Departamento Estadual de Informações para Secretaria de Estado dos Negócios do Governo.

1949		É licenciado da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo para ficar alocado por um ano no Laboratório de Polícia Técnica da Secretária de Estado dos Negócios da Segurança Pública.
1951	17 de setembro	É licenciado da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo para prestar serviços junto ao Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo (USP).
1954		Aposenta-se do serviço público.
1962	24 de julho	Morre em casa.